

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARY BARRETO DÓRIA

**DEVIR MULHER EM SUSTENIDO: CARTOGRAFIA DOLENTE EM EDUCAÇÃO-
FILOSOFIA**

ARACAJU – 2015

**DEVIR MULHER EM SUSTENIDO: CARTOGRAFIA DOLENTE EM EDUCAÇÃO-
FILOSOFIA**

MARY BARRETO DÓRIA

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na linha Educação e Comunicação - Universidade Tiradentes.

ORIENTADOR(A): Prof^a. Dr^a. DINAMARA GARCIA FELDENS

Aracaju – 2015

**DEVIR MULHER EM SUSTENIDO: CARTOGRAFIA DOLENTE EM EDUCAÇÃO-
FILOSOFIA**

MARY BARRETO DÓRIA

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na linha Educação e Comunicação - Universidade Tiradentes.

APROVADO EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Dinamara Garcia Feldens (UNIT) (Orientadora)

Prof^a. Dr^a Sandra Mara Corazza (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Ada Augusta Celestino Bezerra (UNIT)

Prof^a. Dr^a. Cristiane de Magalhães Porto (UNIT)

ARACAJU – 2015

Ficha Catalográfica

D696m Dória, Mary Barreto
Devir mulheres em sustenido: cartografia dolente em
educação-filosofia / Mary Barreto Dória ; orientação [de] Prof^a.
Dr^a. Dinamara Garcia Feldens – Aracaju: UNIT, 2015.

108 p. il.: 30cm

Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Educação)

1. Educação-comunicação. 2. Estética-feminina. 3. Mulher-
restinga-Sergipana. 4. Subjetividade-vida-arte. 5. Poética-
música-cultura. I. Feldens, Dinamara Garcia. II. Universidade
Tiradentes. III. Título.

CDU: 37.043.1-055.2:130.2

Ficha catalográfica: Rosangela Soares de Jesus CRB/5 1701

Apaziguar momentos que se dissipam em meio a ruídos de saber acabrunhados e inteligências vivas. Um leite derramado em milhares de gotas a se deitar no chão sem se esparramar, como milhares de pontos a significar linhas espalhadas seguindo outros lugares. Como um rio. Encontro de mar. Destinos mesmos. Sem ser nada. Partilhar segredos que todos ouvem. Diferente, os mesmos. De sempre. Porque o mesmo é sempre. Este pontilhado mostra uma renda delicada com linhas que dançam com os bilros. Em mãos espertas e ouvidos atentos ao bambolear sonoro em tom de madeira. Senhoras dos saberes falados. Dos dizeres despertos. De vida potente. De rezas acreditadas. De vida valente e filhos embalados em colos quentes, ninados em músicas dolentes que cantam o devir choro calado. Vida potente. Calada, contida. Pro fora. Pro gozo.

A autora

AGRADECIMENTOS:

Agradeço à vida por sempre me convidar para dançar! Onde a música da natureza passeia por entre os pés carregados de memórias. E me embalou no colo dos meus pais queridos na casa grande. Da minha infância. Agradeço a eles, meus pais, por afirmarem sempre que a vida é esse vai e vem cadenciado e perfumado de encontros. Encontros que sempre permanecem, como uma tatuagem, imprimindo de arte o nosso corpo. Corpo que é vida e também memória.

Agradeço à minha avó Marieta que esteve todo o tempo guardando o meu sono e amparando e significando a minha vida com suas histórias fantásticas, trágicas e por isso forte, vigorosa, destemida. Esteve ali, como uma deusa no Olimpo acreditando na mobilidade, na potência da vida, na dança do universo.

Com muita gratidão, ofereço esses escritos à Dona Valdice, Dona Maria Evangelista e Dona Santinha. Agradeço por abrirem a porta das suas casas e de suas histórias sem ressalvas, sem pudores. Plenas, inteiras. Me conduziram pelos jardins e terreiros e varandas pisando o chão, girando, bailando, em transe. Embriagadas, todas. Alegrias e dores. Como na exaustão da festa que dói, mas não queremos partir.

Agradeço a Dinamara por me fazer bailar, delicadamente e persistentemente ao som desta sinfonia/filosofia/arte. Pela maestria na arte de professorar. Pelo carinho e afeto. Pela sabedoria no trato com as pessoas. Pelo encontro.

Agradeço ao meu amigo e colega de grupo de pesquisa, José Laerton que pelas madrugadas afora dançamos em lágrimas e risos. E ordem e desordem. Caos. Ritmo da natureza. Por acreditar no invisível! Na poesia. Pelo encontro. O mesmo, sendo outro.

À professora Sandra Corazza por me fazer rodar no salão dançando com a poesia que faz a vida sempre parecer possível em todas as instâncias. À professora Ada Augusta pelas contribuições e pela delicadeza de aceitar esta contradança.

Por fim, aos meus filhos Sashi e Dami que me dão todos os dias a alegria de dançar com eles. De mãos dadas como uma ciranda. Por me fazerem acreditar na vida, no amor. Na natureza, na música. Na arte. Vocês é a melhor experiência da minha vida! Como uma bailarina, me deixo girar em movimento...

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo pensar as estéticas femininas de mulheres da Restinga e a relação com a vida/arte de professorar. Pensando os modos de vida destas mulheres e suas articulações estéticas, conceituais, poéticas e musicais. Ela se supera e tem a coragem de dizer com qualquer acontecimento da vida: “Era isso a vida? Pois muito bem, outra vez a vida!”. É a vontade de potência. Essa forma de expressão artística que propõe Nietzsche é a mola propulsora que move esta pesquisa. Educar na vida, com a vida. Alegria e o trágico. Lida com os saberes tradicionais e com a diferença. A pesquisa está inserida em três comunidades de dois municípios do litoral Sul sergipano. Sendo duas no município de Estância, e uma no município de Itaporanga D’ajuda. Busca riscar traços nas singularidades destas mulheres, afirmando sua diferença de forma múltipla e plural, na estética, na cultura, na vida. Insere-se no campo da educação e comunicação. A composição deste traçado transitou por um período de 10 meses, referendados teoricamente na leitura de Gilles Deleuze e Friedrich Nietzsche, fazendo um diálogo com alguns autores: Roberto Machado, Clarice Lispector, Gabriel Garcia Marques, Dinamara Feldens, Sandra Mara Corazza e Egberto Gismonti. A pesquisa teve um caráter qualitativo. Utilizei-me da cartografia como forma e estilo de movimento.

Palavras-chaves: Educação; Estética; Subjetividade; feminino.

Abstract

This research aims to reflect the feminine aesthetic of women the Restinga and the relation with life and the art of being a teacher. Thinking ways of life of these women and their aesthetic, conceptual, poetic and musical joints. She overcomes and has the courage to say with any life event: "That's life? Well then again life! ". It is the will to power. This form of artistic expression that suggests Nietzsche is the driving force that moves this search. Educating in life, with life. Joy and the tragic. Deals with traditional knowledge and with a difference. The research is inserted in three communities in two counties of southern coast of Sergipe. Two of these in the Estancia the municipality, and the municipality of Itaporanga D'Ajuda. Search scratch traces in the singularities of these women, affirming their difference of multiple and plural form, aesthetics, culture, life. Falls within the field of education and communication. The composition of this track moved for a period of 10 months, theoretically confirmed at reading Gilles Deleuze and Friedrich Nietzsche, making a dialogue with some authors: Roberto Machado, Clarice Lispector, Gabriel Garcia Marques, Dinamara Feldens, Sandra Mara Corazza and Egberto Gismonti. The research has had a qualitative. I used me as a way of cartography and movement style.

Keywords: Education; Aesthetics; Subjectivity; Female.

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Mulher tratando palha de <i>oricuri</i> para fazer chapéu.....	10
Foto 2: Mulher tecendo chapéu de palha.	10
Foto 3: Mulher remando em direção ao mangue para catar <i>maçunim</i>	39
Foto 4: Litoral Sul de Sergipe, Mangezal	40
Foto 5: Litoral Sul de Sergipe, Restinga	40
Foto 6: Catadores de mariscos. Litoral sul de Sergipe.....	42
Foto 7: Catadores de mariscos. Litoral sul de Sergipe.....	42
Foto 8: Flor da Restinga	43
Foto 9: Mangaba em Fruta	44
Foto 10: Mangaba em Flor	44
Foto 11: Caju. Fruto da Restinga	45
Foto 12: Dona Valdice no ardim de sua casa, vestida de “dona do baile”.....	54
Foto 13: Dona Evangelista. Acervo pessoal.....	62
Foto 14: Dona Santinha. Acervo pessoal.....	84

Sumário

1	CAMINHAR NA AREIA	12
1.1	Frutos e flores	12
1.2	Partimos.....	17
2	OS SABERES QUE NASCEM CANTADOS	18
2.1	Percursos e notas	18
2.2	Falando pela música	27
2.3	Um canto, uma consonância, um lugar.....	37
3	Oi elas!.....	54
4	Cantar e dançar por entre as flores do campo!	67
5	Movimento. A arte de amar e de manter-se em pé.	82
6	Referências	106

1 CAMINHAR NA AREIA

1.1 Frutos e flores

Abro a porta e entro em algum lugar, saio pisando a areia fria, pois é de manhã cedinho, todos ainda estão em movimentos lentos, embora o dia convide o amanhecer. Talvez a poesia seja anfitriã desse passeio que ora desfruto e que me traz sentimentos distintos que não posso qualificá-los, não devo, pois sinto muitos, múltiplos, sinto plenos. Areia de muitas texturas que se estende aos pés. A natureza sempre convida para que retomemos a condição natural. Somos ela. Somos nela. A natureza em movimento.

Este lugar chamado desejo, sim, esses múltiplos desejos que nos carregam para tantos outros lugares e que movimenta a trama. As tramas, a renda que tece as aranhas a fim de agarrar as suas presas. E come-las, e alimentar-se, e permanecer-se. E estar para o devir natureza.

A composição dessa cartografia se inventa como uma busca no movimento de linhas e segmentaridades propondo pensar as estéticas femininas de mulheres da Restinga e a relação com a vida/arte de professorar. Pensando os modos de vida destas mulheres e suas articulações estéticas, conceituais, poéticas, musicais. É isso que se propõe este trabalho.

As áreas litorâneas do Estado de Sergipe, há séculos, imprime um modo de vida para as populações tradicionais com bases econômicas centradas na pesca artesanal, na agricultura de subsistência, no artesanato e no extrativismo de produtos vegetais e animais. Estando parcialmente alheadas por longo período pela sua geografia física e sociocultural do convívio com o modo de funcionamento estabelecido na modernidade, estas populações desenvolveram uma afecção com esse lugar pela relação intrínseca com a natureza. Os efeitos desta relação se

apresentam nas subjetividades, nas singularidades destas mulheres, afirmando sua diferença de forma múltipla e plural, na estética, na cultura, na vida.

Localizo este lugar muito mais pelo que me diz em afetos, do que objetivamente me deparo, muito embora sua geografia possibilite que os cheiros se confundam em respiros solitários e temperas umedecidas, rítmica e singularmente solta ao leito do sombrear. O que esta geografia apresenta é um lugar de areia fina, de pouca fertilidade, onde as culturas de existência gritam sem querer se sustentar, para que as frutas do mato e dos quintais venham refrescar a aridez de um verão prolongado que insiste em imprimir um calor cáustico trazendo brilho aos olhos dos moradores que sabem que o verão é a estação da abundância desse litoral iluminado e arejado pela sinfonia do sol, do vento, dos rios, lagos e marés.

A dura vida destas populações para tirar deste lugar a sua sobrevivência torna-os singularmente aptos ao convívio direto com a natureza. A forma como funcionamos, ou como nos foi ensinado funcionar, nos distancia do movimento da natureza, como se fossemos outra coisa que não natureza! Que espécie de respiração nos torna outro que distancia o nosso pulsar do pulsar das ondas, do trepido coração de um felino à espreita de sua presa, das contrações de um casulo prestes a dar voo a uma mariposa? Tudo neste Planeta pulsa, respira, dói, rir, compartilha.

Parece exótico, estranho falar de populações que esperam as chuvas em terras áridas e “pobre” em fertilidade, pois sabe que ela vem para renovar as folhas dos frutos do mato que virá no verão alimentar suas famílias, decorar suas casas femininas, possibilitar encontros e trocas nos mercados e feiras de seus povoados. Mas no litoral de Sergipe, em torno de 5.000 famílias vive da cata de frutos da Restinga, cata de mariscos e pequenos pescados nos rios e marés, cata de palhas e cipós na capoeira para tecer chapéus, cestos e peneiras, e que versam deste cotidiano, e cantam perpetuando na fragilidade e na singeleza a cultura e a tradição do povo desta região, berço de uma mescla peculiar de povos e culturas de um Brasil diverso.



Figura 1: Mulher tratando palha de oricuri para fazer chapéu. (Acervo pessoal).



Figura 2 Mulher tecendo chapéu de palha. (Acervo pessoal)

E a forma como tudo isso se desvela na busca de sobreviver, de se enunciar, anunciar, permanecer. A linguagem não tem todos os significados, assim significar-se é buscar na aridez inóspita do abandono a reinvenção. E neste rizoma emerge o objeto de estudo desta dissertação: se assim é a vida, criar, inventar novas possibilidades de estar para a vida.

Deste modo, tento neste trabalho assistir, observar como se dá esse diálogo musical, no entre, na composição, nas experimentações, nas materialidades subjetivas, no encontro estético entre a construção da vida e dos conceitos que é vivo, é vida. É a diferença. Os instintos são mais fundamentais do que o conhecimento. (NIETZSCHE, 2012)

Vou tecendo impressões sobre o fazer musical enquanto experimentação a partir dos conceitos trazidos por Nietzsche. A música, sendo a primeira expressão das emoções e paixões, foi também a última expressão dessas emoções e dessas paixões. Ela que vai conduzindo, dando movimento e tentando puxar o fio que pouco a pouco estrutura a trama. A música que me atravessa e que elegi para me amparar e me guiar por esse caminho da escrita. A música muitas horas me deu conforto, me segurou, me significou e traçou linhas entre nós. Pois estas mulheres cantam a própria vida para estar diante dela. “A música é uma *antimemória*. Ela é cheia de devires, devir-animal, devir-criança, devir-molecular”. (DELEUZE; PARNET; 2004, p.27)

Utilizo da música por ela ser um fio condutor, um seio materno, uma zona íntima entre nós: eu, Valdice, Santinha e Evangelista. A música como consideração estética. Um vácuo pelo qual nos atravessamos, nos afetamos! Porque somos cantoras.

Devo dirigir-me unicamente àqueles cujo contato com a música é imediato, para quem a música é, de certo modo, o seio materno e cuja interação com as coisas é quase exclusivamente constituído de inconscientes relações musicais. (NIETZSCHE, 2011. Pg, 45)

Utilizo-me da música para contar, narrar a vida de mulheres cantoras do litoral. Da Restinga. Mulheres que são mães, são potentes, que vão toda manhã no

mato, no mangue em busca de alimento para seus filhos, que cantam, tecem e se sentindo parte daquele que é seu lugar e seu estrangeirismo, "dá sua palavra como algo seguro, porque sabe que é forte o bastante para mantê-la contra o que for adverso, mesmo 'contra o destino'." (NIETZSCHE, 2009. Pg 23)

Linhas que vão sendo traçadas, atravessadas e que fogem à sua geografia. Geografia que traçam linhas com a vida. Povoados que se revelam na imensidão da sua pequenez, atrevidamente intensos de devires reflexos.

Terra quente, árida, lugar onde o caju, a mangaba, o murici, o oricuri, o manipuçá brincam com o vento, o sol forte e a chuvinha fina cravando naquele chão a fragilidade das coisas constantes e por isso genuína e por isso imutável.

Essa mata de ocorrências arbóreas medianas guarda uma variedade singular de frutos, cipós e palmeiras que por muito tempo vem alimentando e mantendo a vida e as trajetórias dessa gente que trançam cestos, cordas, apetrechos para a pesca artesanal e uma centena de tecnologias que lhes conferiram por muitos anos autonomia e manutenção de sua tradição cultural tão frágil e tão intensa quanto à noite.

Durante muitos anos foi e ainda continua sendo o palco das histórias narradas por essas guardiãs que mantêm as tradições dos seus lugares mesmo sendo desertoras, transgressoras, cunhando a arte que é a própria vida.

São linhas que se atravessam vindas de muitos lugares. O estudo não pode e não é neutro, nem isento de atravessamentos, nem reduzido aos significados atribuídos por ele. A teoria e o campo se misturam. O percurso, a pesquisa vai caminhando e se mostrando em nós no intuito de possibilitar que o trabalho crie fluxos onde os signos são estabelecidos de modo a desenhar, apresentar a pesquisa.

As fendas da terra, das mulheres, por onde entram e sai a vida. A escolha por observar essas trajetórias singularmente diversas, vem da significância por onde passa a vida e a educação, pois entendo educação e vida sendo uma só e mesma coisa. A arte de professorar com os filhos, com a lida, com o mangue, com a terra, com a dor, com o cuidado, com o desprezo, com a alegria, com o devir

permanência. Um diálogo em movimento estético através dos conceitos que são vivos, é arte, nas singularidades, nas subjetividades destes acontecimentos.

Prezamos por uma educação que diga sim à vida ao mundo ao corpo. Uma educação que liberte o corpo. E que o leve a ser outra coisa, que o desobrigue a ser-corpo, e que o corpo seja, agora, não corpo, mas a falta de fronteira, as cores que habitam o amanhecer. Uma educação que ensine o corpo a ser todas as coisas. Todos os rios. Todas as danças. Todas as dunas. E que o corpo seja então nosso deserto povoado. E que vida, educação e pensamento não sejam territórios separados. Mas que sejam territórios habitados por nossas potencias. (SILVA;DÓRIA;FELDENS. 2014, pg. 3)

Assim apresento ao leitor um pequeno roteiro dessa viagem que hora convido-os a fazer por entre os manguezais, areias brancas, pés descalços, flores, lamas, música, lágrimas e risos.

1.2 Partimos

Mapear esse caminho é desenhar mistérios, encantamentos, vozes a se dizer cantando e pedindo canduras. Distraimentos abissais. Perfilhamento torto. E um cair de matizes de céu dourado. Há de ser na vírgula, há de ser no lado, há de ser no centro, há de ser pro todo. Viver é patinar com a vida sentindo o vento no rosto. Casa de morar e de nos guardar. Resguardar. E guardar o corpo. Corpo vibrátil que raia no dia. E o corpo agradece.

Quero sim mapear esse caminho como João e Maria, colocando migalhas no chão para achar o caminho de volta. Mas sei que o caminho de volta jamais se acha de volta. Porque a volta dar outras voltas. E atalhos, e “arrudeios”!

Mapear o caminho é se perder, é se colocar diante de si mesmo, diante da vida e não mais voltar. Soltar as migalhas de pão pelo caminho e deixar que os pássaros comam e façam voos e leve a todos os ares a vontade de trilhar os caminhos, mesmo que as migalhas representem o medo. Mas como não seguir sem o medo! Medo também é desejo. É corpo ardendo em chamas porque quer ir. Desejo de só desejar. E seguir. Gostaria de mapear esse caminho para que o leitor se sinta confortável. Se sinta contemplado. É gentil!

Mas lamento dizer, o caminho mapeei com migalhas de pão e ao seguir fui vendo a trilha desaparecer. E foi aí que olhei o caminho, e senti cheiros diversos, e folhagens que se esmaece em brilho de luz. Surpreendente. Vívido. Sedutor. Sinuoso. Como a mistura do dia com a noite.

Fui riscando esse traçado sem tirar do papel o lápis e assim anotando o que via, ouvia, o que me atravessava. Não havia tempo de pensar, maturar. Por isso não saberei traçar em linhas retas os caminhos desta pesquisa para que possa apresentar ao leitor de modo delicado. Mas carinhosamente convido-os a percorrermos juntos. Oras em curvas, oras sobre as árvores entre as orquídeas, oras se arrastando na lama, nas pedras. Cheiro de flores perfumadas. Risos. Outras belas flores que trouxeram lágrimas. Corajosas. Frágeis. Molhadas. Molhando o corpo, a língua e a garganta preparando o canto. A música que esteve ali, embalando, arrebatando. E deu sentido e fez dançar a todos.

2 OS SABERES QUE NASCEM CANTADOS

2.1 Percursos e notas

Porque, branda e doce como um amanhecer num bosque, nasceu à inspiração... Então ela inventou o que deveria dizer. (LISPECTOR, 1998, p.138)

Conto, pois assim, canto, porque se não canto me desencanto e sim, não seria vida minha. Meu atravessamento pela música vem desde menina. Menina acolhida na casa grande aos olhos da criança pequena que espera que o dia se estique e prolongue a brincadeira até cansar de tanto brincar. Como essa casa-infância brincava com os olhos de menina curiosa que procura nos cantinhos pequenos objetos a fantasiar estórias. Até hoje são minhas, nunca deixei de tê-las. “Não se escreve com lembranças de infância, mas por blocos de infância, que são devires-criança do presente.” (DELEUZE, 1992, p.218) Meus pais de tradição rural, gente que vem desse outro mundo, aqueles que nasceram nos inícios do século 20, que tem outras referências, outro funcionamento no mundo, um tempo de espera das coisas. Tempo de maturar canduras e de dizer segredos, de receber amigos para o café da tarde proseando afetos, partilhando trajetos, entrecortando vidas e afazeres.

Tempo de ficar de noite na porta de prosa com os vizinhos. Prosa das meninas e meninos que brincam na rua, na porta. Prosa do que se passou e que é presente porque é dito no acontecer dessa hora. Compondo a cena desse grande teatro trágico das linhas do cotidiano¹, que tem a singela capacidade de dimensionar em cada um daqueles personagens o que se derrama da vida e que toca a todos. Porque saber do outro nos alivia as dores. Devir² permanência.

Criou em mim o alento para respirar pelo caminho que sente a vida pela arte. Arte do povo. Um povo do campo onde viveram e cunharam suas impressões do mundo. Um povo vivaz, sagaz como Diadorim, que na seca do chão duro do

¹ “(...) há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação.”(DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.10).

² Importante conceito retomado por Deleuze, que estará presente no decorrer deste trabalho, “...há devires que operam em silêncio, que são quase imperceptíveis. Pensa-se demais em termos de história, pessoal ou universal. Os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas. Há um devir-mulher que não se confunde com as mulheres, com seu passado e seu futuro, e é preciso que as mulheres entrem nesse devir para sair de seu passado e de seu futuro, de sua história. Há um devir-revolucionário que não é a mesma coisa que o futuro da revolução, e que não passa inevitavelmente pelos militantes. Há um devir-filósofo que não tem nada a ver com a história da filosofia e passa, antes, por aqueles que a história da filosofia não consegue classificar. Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão “o que você está se tornando?” é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos.”(DELEUZE; PARNET. 2004, p.05).

sertão desabrocha a delicadeza de ver o céu que de contraste se revela pelo olho empoeirado de amor a sua terra. Sensível e forte como o sol, o mesmo que racha o chão e lambe delicadamente a folha tenra que acabou de nascer. Macho e fêmea na cópula brutal e singela a um só tempo. De lembranças que carregam nas histórias que contavam de gente simples. Rotinas mesmas e constantes, o mesmo cardápio para os dias da semana e que se torna tão muitos. Rico de afetos. Rotina dos dias certos e horas ajustadas. Pouca chance de mudança, mas mudando sempre, rizoma/vida. Quimeras, loucuras cancelando o diferente. A diferença³ que pode nascer naquele campo que parece não poder mudar. Lugar nenhum. Lugar de campo restrito, um campo vasto de terras espaçadas que dá espaço às singularidades. A arte de recontar sua história, fabulando segredos, vai decupando esse lugar.

Uma casa cheia, cheia de gente que vinha do campo para pousar por tempo longo, tempo curto, um tempo de deixar marcas em quem vivia ali, quem saía dali, quem não podia sair, quem estava em transito. Uma avó, uma madrinha, um parente do interior, pai, mãe e vários filhos. Vem deles, dos meus pais, o gosto de ver a arte no cotidiano da vida. O agricultor que no descanso da sua enxada vem para a soleira da casa prosear, cantar versos, mentir, inventar, com o simples interesse de divertir uma pequena plateia que espera a boquinha da noite para se deliciar com as aventuras de quem transforma o simples caminhar em um acontecimento de estar. Estar para o que não tem jeito de ser outro, outra coisa. Ser outra coisa é regurgitar a comida que não pode entrar porque os ácidos não querem comer. O fel da bÍlis que tempera o humor ácido dos contadores de histórias mirabolantes que diverte ávidas plateias, como um bufão que não tem porque, mas está ali nas ruas sendo o desconcerto entre ele e o outro. Meus pais tinham esse tempo que a comédia pede. Perspicácia, delicadeza. Humor com o trágico. O imponderável onde a arte não tem repouso.

Encontrei-me com a música nesse ambiente familiar. Dai para tomar o rumo para além da soleira da casa foram alguns passos. Ai já foi, ela decididamente

³ “Tirar a diferença de seu estado de maldição parece ser, assim, a tarefa da filosofia da diferença. Não poderia a diferença tornar-se um organismo harmonioso e relacionar a determinação com outras determinações numa forma, isto é, no elemento coerente de uma representação orgânica?” (DELEUZE, 1998, p.39).

tomou conta de mim. Por inteira. No olho. Na cabeça. Nas mãos que fala ao instrumento. No ouvir. No calar. Toda ela me atravessava em várias linhas que vem se comunicando ao longo da vida. Em alguns momentos percebo as conexões. Em outros tantos não. O Conservatório de Música foi o caminho natural. Amigos e significâncias.

Segui fazendo e vivendo música, no trabalho, no deleite, na necessidade. Necessidade de me inventar, de inventar o mundo, de inventar a vida, necessidade de dizer sim a tudo. Timidez e ousadia a um só tempo. Diversos interesses, muitas experimentações, diversos instrumentos, pouco aperfeiçoamento. Foco. Culpa. Como se costuma impor os que inventam regras. Enfim, descobri que meu desejo de conhecê-la, tê-la e sabê-la, exigia de mim um passeio por diversos caminhos pelos quais ela se revela. E assim fui. Tímida e ousada, elementos que sempre compunha minha música. Que diz de mim. É possível que a arte te peça o que você não pode dar. Mas ela se alimenta do que não é visível mesmo estando no corpo, seu único elemento. Como o átomo que não se revela, mas está intrinsecamente presente, na idiossincrasia do agora.

Fazia música mesmo quando pensei que ali, naquele momento ela se retirava. Ficava me olhando por entre os instrumentos que deitado no canto da sala, permanecia insistentemente ali, sem sair, esperando que um dia meus dedos pudessem fazer dança dos sons que vinha das cordas, como ondas. Como um cão de guarda a zelar pelo meu sono e o sono do meu filho que segurava meu peito me dizendo que agora não, ali só cabiam músicas de ninar, e que por fim ninavam nós dois: mãe e filho. Foi com ela me “*arrudiando*” ali pertinho, que pude seguir fazendo da vida essa melodia diversa.

Passado esse período mergulhada na imensidão da vida materna, pouco a pouco a música vai traçando, novamente, caminhos em mim. A música popular foi dos caminhos o que me revelou a singularidade e a grandeza do simples, direto, o que há de mais sofisticado. Comunica e toma conta do corpo musical em nós. Tive oportunidade de conhecer as Danças e os Folguedos de uma variedade abundante que se faz presente em Sergipe. Manifestação de tradição oral com forte influencia Ibérica, indígena e africana, povos que formaram essa nossa paisagem cultural. “Como brasileiro, eu sobrevivo da mescla cultural. À medida que admitimos a mescla

como uma coisa natural, admitimos qualquer coisa.” (GISMONTI, 2014) Conheci mais estreitamente alguns grupos de raízes populares através de andanças pelo interior do Estado, por ocasião de trabalhos com comunidades tradicionais. E pesquisando músicas do universo do brincar, conheci mulheres que cantam, brincam, catam frutos do mato, da Restinga, vendem nas feiras. Riem , dançam, choram.

Pisam o samba de coco, rezam, embalam filhos, são deixadas pelos maridos, deixam seus maridos, cuidam dos maridos. Chão de areia. Sol brilhante e quente do litoral. Mangue de raízes suspensas, entrelaçadas, rizomáticas. Multiplicidades ⁴ . Devir cheio de fazeres. Catadoras, marisqueiras, feirantes, agricultoras, mães. Arquitetas de pés descalços amassando o barro para tapar suas moradas. Costureiras de linha e agulha tecendo as vestes da filha que quer luxar na festa da padroeira. Rezadeiras. Curandeiras. Guardiãs de tradição oral. Festeiras. Brincantes. Alegóricas. Perdidas em tardes de sol, vento e imensidão, do intemperismo, do misterioso. Portadoras das sabedorias dos afetos e dos dias. Mestras capacitadas na arte de fazer voar, e cortar o mundo. Professoras destituídas de seu lugar de saber por sacrificarem suas vidas no ventre. Talvez educar não passe da dolorosa arte de fazer-se amante do destino. *Amor fati*.

Esse retorno ao antigo, ao arcaico, é próprio da pós-modernidade. Como se, além de um parêntese, para bem e para mal, no cotidiano, ou no paroxismo, de uma maneira suavizada ou, ao contrário, nos excessos destrutivo, encontrássemos o aspecto sublime da beleza do mundo. Só isso já seria importante, gozá-la pelo que é, ainda que seja submetendo às suas leis terríveis e temíveis, que faz bem aceitar. Sem esquecer de evocar a temática do amor fati, cujas importantes consequências sociais podemos, com espírito nietzscheano, avaliar. (MAFFESOLI, 2003, p.28).

⁴ “(...) é provável que uma multiplicidade não se defina pelo número de seus termos. Pode-se sempre acrescentar 3º a 2º, um 4º a 3º etc.; não é por aí que se sai do dualismo, já que os elementos de um conjunto qualquer podem ser relacionados com uma sucessão de escolha que são elas próprias binárias. Não são nem os elementos, nem os conjuntos que definem a multiplicidade. O que a define é o E, como alguma coisa que ocorre entre os elementos ou entre os conjuntos. E, E, E, a gagueira. Até mesmo, se há apenas dois termos, há um E entre os dois, que não é nem um nem outro, nem um que se torna o outro, mas que constitui, precisamente, a multiplicidade.” (DELEUZE; PARNET; 2006, p.12).

Este trabalho propõe pensar as estéticas femininas de mulheres do litoral e a relação com a arte de professorar. Pensando os modos de vida destas mulheres e suas articulações estéticas, conceituais, poéticas, musicais. Educação, vida, canto. Inseparáveis questões. Viver. Mulheres que se movem sob o sol ardente, expressando signos. Que sobem e descem as ladeiras do mundo, com o alento sempre por se renovar. A cada dia um leão. A cada dia outro leão.

Ali diante de mim. Pura expressão. Chamaram minha atenção pela forma como lidavam com suas tragédias. A música e o brincar saltavam aos meus olhos. Vitalidades no corpo gastos pelo tempo, pela vida, vinham ao meu encontro. E aqui são forças vitais em mim que se manifestam diante delas. Vejo inteira, com tudo que me atravessa, e vejo por meus olhos e por tudo que eles veem no agora. Agora que é o de sempre. Vida dura. Potente. Brincante. Essa música revelada no corpo e na vida dessas senhoras no brilho dos seus setenta e poucos anos, abriu-me uma possibilidade, um olhar para a música, que até então somente pensava, sentia. Como o nascimento do ritmo, na pulsação do antes e depois. Agora vejo expresso em vidas singularmente simples, cheia de um vazio estonteante. Nos vilarejos de gente de cotidiano duro e audaz. Gente que sombreia a vida porque o lugar é de sol quente que racha o pé de mulheres vaidosas, esquenta o sexo de mulheres amantes, faz brotar o fruto. Flor nascida desse sol calor/luz. Frutos do mato que sustenta a vida desse lugar. Mantém os filhos e os maridos também. As tradições oralmente faladas e multiplicadas, e reveladas, e contidas, e cultuadas nos ritos populares que se acredita para manter-se viva.

Fiquei sensibilizada quando conheci suas histórias de vida. Tinha algo nelas de uma força tão grande, tão trágica, cômica, escrachada, vulgar, singela, provedora, contraditória! E a partir dali fiquei refletindo sobre mulheres que conheço e conheci que tinham e tem essa força, essa vontade. Então é como se elas fossem todas as mulheres que me atravessaram, me afetaram. O movimento pelo qual eu me embalo para, tentar pensar estas subjetividades a partir da diferença.

Vidas que de tão simples, se revela plena. Sem ser nada. Somente isso, acontecimento. Simples como as comidas que perduram por gerações a se repetir.

Ritornelo⁵ que pede o tema musical, quando a música fez passeios longos nas paragens do inusitado. O retorno. Caldo da mandioca que vira tapioca, que vira beiju. Milho que explode no fogo e vira pipoca. *Amor fati*⁶. Tempo de existir no minuto mesmo da não existência que alonga as horas.

Ainda não pressinto o que mais terei ganho. Aos poucos, quem sabe, irei percebendo. Por enquanto o primeiro prazer tímido que estou tendo é o de constatar que perdi o medo do feio. E essa perda é de uma tal bondade. É uma doçura. Quero saber o que mais, ao perder, eu ganhei. Por enquanto não sei: só ao me reviver é que vou viver. (LISPECTOR, 1964, p.12)

Histórias de vida que não quer dizer-se, só quer existir. Como os contos de Clarice, que de tão simples toma nossa respiração. Inexplicavelmente extasiante. Sentimentos misturados entre desespero e aconchego

Enquanto cursava as disciplinas, existiam fortes sentimentos que me tiravam daquele lugar. Não, não era meu aquilo, nada ressoava. História! Educação! Já não era, há muito tempo, nem aquela “história” nem aquela “educação” que me despertava interesse. Já fazia muitos anos que procurava formas outras de fabulação. No modo como educava os filhos, no modo como via as translações de histórias de vida que pulsava desde outros lugares. Então, o que me fazia estar ali? Antigas memórias de possibilidades que se repete como uma célula rítmica, um tambor africano repetidamente diferente. Não tinha respostas! Então fiquei. E esperei chegar da Espanha minha orientadora, estando lá por ocasião do Pós-Doutorado, com a esperança de me fazer sentido aquele lugar.

⁵ “Diríamos que o ritornelo é o conteúdo propriamente musical, o bloco de conteúdo próprio da música. Uma criança tranquiliza-se no escuro, ou bate palmas, ou inventa um passo, adapta-o aos traços da calçada (...)Trá lá lá. Uma mulher cantarola, “eu a ouvia cantarolando uma ária, com voz baixa, suavemente”. Um pássaro lança seu ritornelo. A música inteira é atravessada pelo canto dos pássaros, de mil maneiras, de Jannequin a Messiaen. Frrr, Frrr. A música é atravessada por blocos de infância e de feminilidade. A música é atravessada por todas as minorias e, no entanto, compõe uma potência imensa. Ritornelos de crianças, de mulheres, de etnias, de territórios, de amor e de destruição: nascimento do ritmo.” (DELEUZE; GUATTARI; 1997, p.88).

⁶ “Não uma probabilidade repartida em muitas vezes, mas todo o acaso em uma só vez; não uma combinação final desejada, querida, aspirada, mas a combinação fatal, fatal e amada, o *amor fati*; não o retorno de uma combinação pelo número de lances, mas a repetição do lance de dados pela natureza do número obtido fatalmente.” (DELEUZE, 1976, p.21).

Mas o traçado que compõe o mapa do existir é deveras complexo para que tomemos decisões. Assim nos resta seguir. E as linhas se desenharam, os acontecimentos se plasmaram no movimento, na velocidade que lhe é genuíno. Nos encontramos algumas vezes depois da sua chegada, e como intuía, fui sentindo que os nossos caminhos se atravessavam em percursos com ares que cheirava a perfume que eu já sentia. E fomos passeando por entre ruas, caminhos, passagens, movimentos, sentires, querereres, conheceres. E fui entendendo o desenho. Acredito que se chega onde se é chamado e chegamos porque nos chamamos. Porque somos mulheres/ mães. Acreditamos na vida, na imanência. Vontade de potência⁷, aquela energia que busca mais energia. Porque também fazemos arte que é tudo aquilo que se move pela potência. Dinamara, mulher de doce olhar. Destemida. Forte. Acolhedora. Assertiva. Intensa. Distraidamente te percebe com a vivacidade do acaso primordial.

Distraidamente estive inteira nessa recepção, porque os afetos são maiores que nós. E veio tudo junto, como uma chuva miúda e constante, aquela que hidrata a terra, desperta as sementes em movimentos de germinação. Dina me trouxe um mapa de traçados que eu não conhecia, mas que também conhecia de muito tempo, de outros tempos, de tempo sempre. Familiar. Dina me trouxe Deleuze e Nietzsche. Que explosão fez em mim. Novos formatos para dizer o que o corpo necessita ouvir, porque corpo é arte. Corpo receptivo de movimento. Sim, tudo agora começa a fazer sentido. Um sentido que não sei dizer do que. Só sinto. Conceitos que se faz vida. Como assim? E isso existe na academia? Sim, exatamente naquele lugar onde se aconselha não misturar sua vida com a pesquisa, ser impessoal! Naquele canto, no final do corredor se fala coisas que nos atravessam profundamente, com gente de muitas idades que não tem idade quando partilha um sentir da vida que é diferente e igual para todos. É também neste grupo de Pesquisa em Educação Cultura e Subjetividades (GPECS) onde podemos compartilhar, conhecer um pouco dos caminhos percorridos por cada um nas suas respectivas pesquisas. Afectos. Onde essa filosofia da diferença se aninha e pouco a pouco vai serpenteando, seguindo

⁷ “Por isso só podemos compreender o próprio eterno retorno como a expressão de um princípio que é a razão do diverso e de sua reprodução, da diferença e de sua repetição. Tal princípio é apresentado por Nietzsche como uma das descobertas mais importantes de sua filosofia. Ele lhe dá um nome: vontade de potência. Por vontade de potência “exprimo o carácter que não pode ser eliminado da ordem mecânica sem eliminar esta própria ordem”. (DELEUZE, 1976, p.34) .

linhas, fluxos. No entre. Nas singularidades. Tragédias, comédias, arte, vida. Comecei a conhecer escritas outras. Formas pulsantes se configurando neste lugar onde não pensava poder caminhar. Não se fala disso. Nem sei se devo falar disso. Mas as micropolíticas borbulham neste lugar, em torno dela. Pouco a pouco vou percebendo que pessoas que transitam debaixo deste guarda-chuva, na verdade não se protege da chuva. Antes, se molha despertando assim as várias sementes em nosso corpo. Corpo risomático, entrelaçando uns aos outros como raízes de mangue que abraça a lama fértil, que gesta a ostra, que nutre o peixe, que circula de ruídos sonoros os ouvidos de quem deseja ouvir outra música, outros tons. Aquele guarda-chuva com pequenos furos abrindo-se ao caos.

Enfim, mudamos de tema, outra e outra vez para chegar aqui, na música. Música que me afeta, música que é viva em mim. Em linhas do meu traçado que traçam fios na tessitura do devir. Aqui é o lugar de onde falo, de onde a dança da música faz coreografias em mim.

Andar pela escrita, é se arriscar em território flamejante. Expeli fogo. Brilha. Arde. Muitas vezes dói e encanta, como o fogo mesmo. Em alguns momentos ela fica grande, gigante, maior que eu, que tudo. Essa fonte primordial, de uma força e uma coragem que nos toma por inteira. Aquele olhar assustado e confiante do filho que cruza o da mãe no momento em que ela solta sua mão em direção ao caminhar solitário. O percurso é dele, de ninguém mais, só dele e por isso grande. Uma força e uma delicadeza. Sou imensamente grata pela oportunidade, grata a Dina por acreditar em mim, grata a vida. Sem que se queira chegar a lugar algum, pois o lugar já é esse. Não tive respostas. Não as quero. Não agora. Um dia sim, ainda muito jovem, tive ideais e procurava soluções como todos os jovens. Mas depois de tanto me esforçar em respirar com o nariz cheio, me dei conta que o alento vem somente do se dar. Não tenho outra saída. Jogo-me. Sigo tímida e ousada.

Ao escolher e discriminar o que é extraordinário, surpreendente, difícil, divino, a filosofia se define em oposição à ciência, do mesmo modo que se define em relação à habilidade de preferir o inútil. (NIETZSCHE, 2008, p.35)

2.2 Falando pela música

Eu sou um drogado, a minha droga é a música.

Hermeto Pascoal

Que música é essa que nos habita. Que canto é esse que nos diverte. Que brinca é essa que gira o mundo. De que lugar se fala quando o canto desabita, a palavra territorializa e o corpo singularmente se movimenta? Sim, é esse lugar que gostaria que me acessasse porque assim perderei o medo das palavras e falarei do abismo em que mora o canto, que só se revela se tomar todo corpo, pensamento. Pensamento é corpo, e ouvidos, e memória, e ancestralidade, e oralidade, e devir. Um crescente de vigor que pulsa como o movimento do universo que faz música com a natureza bailando na respiração, na pulsação e na ousadia do existir. Não sou competente para escrever, mas sou terrivelmente irresponsável para mudar, mudar e mudar. No entanto, devo me valer da inconsequência dos iniciantes e me lançar abissalmente para poder seguir, pois se não, paro onde estou. Porque só os inconsequentes brincam com a imponderabilidade.

Doravante a essência da natureza deve se exprimir simbolicamente: um novo mundo de símbolos é necessário, toda a simbologia corporal, enfim; não somente a simbologia dos lábios, do rosto da palavra, mas também todas as atitudes e os gestos da dança, ritmando o movimento de todos os membros. Por isso, com uma veemência repentina, as outras forças simbólicas, aquela da música, cresceu em ritmo, dinâmica e harmonia. (NIETZSCHE, 2007, p.36)

Pensar, falar, sobretudo, escrever sobre música, é mergulhar também em teorias, conceitos, formulações, opiniões, tudo o quanto pode se produzir e transformar, e codificar, porque ela é grande, é vida simbólica. Real, cheia da consistência de si. Exasperada. Transbordante e transbordada. Sem bordas ou limites. Ilimitada. Permanente e eterna inconstância de estar. Está para além e para fora de si. Música vida. Enredo que se apaga ao se efetivar. Trajetória de um voo

infinito que desenha formas que quase não existem de tão delicadas. E que por isso afirmam o existir. Música que é tão essencial e forte, que se assemelha a vida das coisas aladas.

Não tem peso nem medida, consola, conforta, alegra-nos deixar-nos prostrado, é tudo isso porque ela vem de um mesmo lugar onde estão os afetos, paixões, algumas fotos não reveladas, talvez uma gaveta vazia, um fio, uma gravata, um vestido que nunca se usou, coisas vazias que permeiam nossos sonhos, nosso olhar, um acalanto de viver, mesmo quando a ferida está aberta, Deixar-se tomar e invadir pelas coisas despertas, abrir os olhos após dormir uma noite de sono, descobrir o mundo ainda firme, incerto e duro, como sempre se experienciou. Tudo tão concreto, tudo tão pesado, tudo tão leve, a expectativa de viver de outra forma...

Ter um pouco de coisas involuntárias como: música, afeto, carinho, paixão, amor, são coisas que estimulam certos compartimentos que a gente não pode ver e tocar, mas que nos permite ter a expectativa de viver. (GISMONTI, 2014)

Sim esse lugar de todos os átomos e partículas que se transformam que se desdobram para se fazer muito, nada, todo o clarão que é pura música na individuação. Música que reuni em si a universalidade de sentidos. Uma doce crueldade que transforma a carne em outra coisa. A brutal liberdade de não *rostificar* a diferença. Puro fluxo livre do corpo libertado.

A música é, portanto, quando considerada como expressão do mundo, um idioma sumamente universal que inclusive mantém com a universalidade dos conceitos uma relação parecida à que estes mantém com as coisas individuais. Mas sua universalidade não de modo algum aquela vazia universalidade da abstração, senão de uma espécie totalmente diversa, e deve ser unida com uma determinação completa e clara. Nisso se assemelha às figuras geométricas e aos números, os quais, enquanto formas universais de todos os objetos possíveis da experiência e aplicáveis a priori a todos não são, contudo, abstratos, mas intuitivos e completamente determinados. (NIETZSCHE, 2007. p.113)

São percursos de subjetividades⁸ onde se tem a experiência. A música não tem papel, função, é expressão pura. Movimento. Desconstrução que propõe, encaminha e vai se derramando por entre pensamentos, lugares, retorno, condição, desejo, ritmo, afinação. Segura o tempo. Assim posso entrar nesse abismo onde se muito falou e se fala e falará, com reticências, apropriações, e teorias. Mas é também lugar de todos e de ninguém onde ela se permite entrar e ficar e se retirar também. E brincar, com o novo, o velho, o possível e também o impossível. Um ritornelo, a vírgula, a respiração no movimento rítmico. Dinâmico e harmônico. Forças da natureza, da música. Pulsação de nós habitando segredos e mistérios de uma velha estrada que já se andou, com desejos, emaranhados de vida. “A musica é maior do que o que você está vendo, a música é sobrevivência.” (GISMONTI, 2014)

Improvisar é ir ao encontro do Mundo, ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar "linhas de errância", com volteios, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades

diferentes.(DELEUZE; GUATTARI; 1997, p.11)

“Quanto mais popular, mais sofisticada a música pode ser” (GISMONTI, 2014) As cirandas embaladas por cantigas do universo do brincar revelam na corporeidade toda a vibração e alegria que compõe o ser brincante que somos e que necessitamos. A música vai desvelando como um desabrochar, a brincadeira, a vibração, a pulsação e tudo vão, como um retrato de corpo inteiro, pisar no chão. Fazer música com o pé, o pé que leva, carrega a pulsação, que desmantela desterritorializa pisando acontecimentos e giras. Podemos observar como as cantigas do brincar de melodias simples, ritmo fácil, composto de um refrão seguido de versos que imediatamente vai tomando a voz de quem ainda não ouviu, ainda

⁸ “Estamos sempre dependurados sobre o muro das significações dominantes, estamos sempre mergulhados no buraco de nossa subjetividade, o buraco negro de nosso Eu que nos é mais caro do que tudo. Muro onde se inscrevem todas as determinações objetivas que nos fixam, nos enquadram, nos identificam e nos fazem reconhecer; buraco onde nos alojamos, com nossa [59] consciência, nossos sentimentos, nossas paixões, nossos segredinhos por demais conhecidos, nossa vontade de torná-los conhecidos. Mesmo se o rosto é um produto desse sistema, é uma produção social: grande rosto com bochechas brancas, com o buraco negro dos olhos. Nossas sociedades têm necessidade de produzir rosto.” (DELEUZE; PARNET; 2006, p.09).

não apreendeu, mas respira no tempo musical, pulsa na melodia vibrante como uma onda que vem sempre igual porque é diferente sempre. E a voz repete e se repete num vibrar visceral. Molas que impulsionam para um mesmo lugar criando dança que se transforma em pulsação, que é vida, que é arte, que é pura música. “(...) pensar e ser são uma só e mesma coisa. Ou antes, o movimento não é imagem do pensamento sem ser também matéria do ser.” (DELEUZE; GUATTARI; 1992, p.54)

Sublinhou-se muitas vezes o papel do ritornelo: ele é territorial, é um agenciamento territorial. O canto de pássaros: o pássaro que canta marca assim seu território. Os próprios modos gregos, os ritmos hindus são territoriais, provinciais, regionais. (DELEUZE; GUATTARI; 1997, p.11).

De maneira que, experimentar música é território de todos e de cada um, na singularidade, na multiplicidade, na imanência. E de forma diversa habita e desabita, atravessa, desintegra no “feio” no “belo”, ela é, ou se deixa ser “música boa e ruim”, música que se faz viva no dizer pela dança, música sentida, respiro de tons que se plasmou no acaso, no desterro, no vazio. Esse desejo incessante de vida se expressa nas mulheres cantoras da Restinga. Na lida, na vida que pulsa no corpo que queima no sol, nas pernas que se tragam na lama, no limo, na dor, na dança, nos amores restritos e desencontrados, nas mentiras, cinismos. Nos encontros, tragédias e alegrias e celebrações, ritos de passagem, “(...) que sua própria queixa se transforma num hino à vida” (NIETZSCHE, 2007, p.40) Cântico de lua crescente nascendo como um sorriso riscando o céu quando a noite se mistura com o dia se revelando por entre as palmeiras flamejantes de um território de cantigas, de versos que se diz, diz de si, de tantos. Da vida.

O Trágico não pode ser legitimamente derivado da natureza essencial da arte, tal como geralmente é concebida unicamente segundo as categorias da aparência e da beleza: somente o espírito da música nos leva a compreender que uma alegria possa resultar do aniquilamento do indivíduo. (NIETZSCHE, 2007, p.56)

Em todas as ocupações da vida, aonde o vinho foi derramado, existem música. As pulsações e as batidas do coração, a inalação e exalação do ato de respirar, o passo que se faz ora lento, às vezes rápido na dependência do que se

tem que buscar, são em blocos, um trabalho ritmado. Ritmo que consola o querer que não se quer. Um querer que já foi e que não pode mais e mesmo assim se quer desmedidamente. A dinâmica torta de um Tarol⁹ bêbado, aquele que dá sentido ao maracatu que depende dessa embriaguez torta, que quebra o movimento, encanta multidões extasiante de alegria e pulsação nas ruas, nas festas populares, nas canções. Não dependem do músico, da música, do instrumento. Imanência. Devir música. A vida depende desse ritmo no mecanismo total do corpo. A respiração manifesta-se sob a forma de voz, de palavra ou de som e esse som é continuamente audível, seja ele interno ou externo a nós mesmos. Costuma-se falar do amor à natureza, mas o que existe nela que nos causa prazer é a música. “Cantando e dançando, o homem se manifesta como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a caminhar e falar e está a ponto de, dançando, voar pelos ares.” (NIETZSCHE, 2007, p.31).

Desse lugar onde a música está e que é esse lugar e qualquer lugar onde a experiência é permitida e se permite dentro e fora do tempo. Um lugar de espera, de desejo, de vibração. Que se repete e se renova inexoravelmente como a natureza. Porque ela quer habitar e demanda um abdicar das coisas ansiosas que se dissolvem derramando na imensidão do oceano. É lá onde o tempo para e entra em velocidade plena onde não há passado nem futuro. Coito prematuro que gera o que não se quer, mas acata esse querer. Ela é ouvida e desfrutada por todos aqueles que conseguiram roçar a mais íntima porção de suas próprias vidas. Maquinas de guerra¹⁰. Medos imutáveis. Querenças que sobrevivem para se fazer ouvir em risos extasiantes. Módulos intercortados como se ouvissem vozes internas que não se quer. O Maestro Villa-Lobos propunha: “Em vez de discutir música, oferecer música.”.

Existem elementos da voz, precisamente os que não se pode articular, o gemido, o sussurro, o balbúcio, o soluço, talvez o riso, que não se podem escrever, que necessariamente se perdem na língua escrita, assim como se perdem também os elementos

⁹ Tarol: um instrumento de percussão da família da caixa com afinação um pouco mais aguda.

¹⁰ “(...)a instauração de um agenciamento, máquina de guerra ou máquina criminosa, podendo ir até a autodestruição; uma circulação de afectos impessoais, uma corrente alternativa, que tumultua os projetos significantes, tanto quanto os sentimentos subjetivos, e constitui uma sexualidade não-humana; uma irresistível desterritorialização, que anula de antemão as tentativas de reterritorialização.” DELEUZE; GUATTARI; 1997, p.09).

estritamente musicais, como o ritmo, o sotaque, a melodia o tom.
(LARROSA, 2004,p.39)

Não venho me arvorar sobre a música no sentido técnico-estético, embora falo desse lugar que a música vai sempre estar que é estético/técnico/plural/singular, tão somente música. Quero falar da música popular nas mulheres que brincam e pisam no chão e cantam versos e melodias que se repetem por muitas gerações, que tem seus lugares para a dança na roda das cirandas, na roda dos cocos, nas novenas, no nascer e no morrer, essa música extasiante e corporal que embora na repetição segue sendo a mesma, consegue ser outra nos elementos novos, acalentada no colo de compositores anônimos, representar em coro um “espelho musical do mundo, como melodia primordial que procura para si uma imagem de sonho paralela e que a exprime na poesia.” (NIETZSCHE, 2007, p.55) Música que fala do que não se pode falar em outros verbos. Musica sem melodias porque é moldada no silencio onde se ouve tudo, até o que não se quer, não se pode e por isso é uníssonos com a vida. Não é possível revelar sem os ruídos que faz música em nosso corpo. Sem órgãos, sem organicidade. Danças de tatuagens. Corpo pulsante tomado pela música de ruídos molhados, internos.

Mas, em oposição a epopeia exclusivamente apolínea, o que é a canção popular, senão o perpetuum vestigium de uma mescla do apolíneo e do dionisíaco? Sua extraordinária e crescente difusão por todos os povos, em nascimentos sempre novos, é um testemunho da força desse duplo instinto artístico da natureza; instinto que deixa sua marca na canção popular da mesma maneira que os impulsos orgiásticos de um povo se imortalizam em sua música. Sim, seria historicamente impossível demonstrar que todo período fecundo em canções populares foi também atormentado ao máximo por correntes dionisíacas que devemos sempre considerar como causa latente e condição prévia da canção popular.

Mas a canção popular nos aparece antes de tudo como espelho musical do mundo, como melodia primordial que procura para si uma imagem de sonho paralela e que a exprime na poesia. A melodia é, portanto, o elemento primeiro e universal que, a partir desse fato,

pode também sofrer objetivações diversas em textos diferentes. Por isso ela é, para o sentimento ingênuo do povo, o elemento preponderante, essencial e necessário. (NIETZSCHE, 2007, p.53)

Essa música outra, presente no pé e no zelo despreocupado de quem é guardiã, de quem expressa o acontecimento. Sim, o que é a canção popular? Quais os caminhos percorridos por canções populares nas comunidades e em mulheres que casam ainda meninas, embalam seus filhos ainda com as brincadeiras saltitando na varanda. Tecido cortado para o vestidinho de boneca se aparta da dor do parir. Abandono de seus homens cala o choro contido nas perdas precoces e brutais. Lidas solitárias. Que vigor pode desenvolver no canto uma vontade? Música que consola a dor contida. Música que embala o sono que não pode dormir nas madrugadas velando o sono e alimentando no peito amores maternos. Caminhos percorridos por canções que costuram a vida que se rasga, que se rompe, mas que é trama da tessitura de estar. Estar aqui. Não além daqui. Aqui é arte. Aqui é música.

Só neste mundo, o fogo do artista e da criança conhece um devir e uma morte, construído e destruído sem qualquer imputação moral, no seio de uma inocência eternamente intacta. E, assim como brincam o artista e a criança, assim brinca também o fogo eternamente vivo, assim constrói e destrói com toda inocência... e esse jogo é o Aion Jogando consigo mesmo. (NIETZSCHE, 2008, p.53)

Musica que se apresenta diante do querer imputado, premente e vigoroso. A música é a arte do sem forma, o homem ama a música mais do que qualquer coisa porque sua natureza é música e ele mesmo é vibração. A música, sendo a primeira expressão das emoções e paixões, foi também a última expressão dessas emoções e dessas paixões, pois aquilo que a arte não consegue expressar, a poesia explica e aquilo que esta última não consegue expressar é expresso pela música. Portanto, para o pensador, a música, em todas as suas eras, permanece suprema e considerada como a mais alta expressão daquilo que é mais profundo em nós mesmos. Aquilo que a pintura não pode sugerir claramente, a poesia explica em palavras. Aquilo que até mesmo um poeta acha difícil de expressar em poesia é

expresso em música. Sem forma. Fluida. Solta. Sem moldura. Sem papel. Vem e diz em nós o que precisamos e assim se faz grande. Por um momento nos sentimos grande, “*mais que humano*”. “O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a potência estética da natureza inteira, para a máxima satisfação do Um primordial, se revela aqui sob o estremecimento da embriaguez.” (NIETZSCHE, 2007 p.32)

Não será possível falar o tanto que se necessita, pois ela é pura necessidade. Como falar de um trabalho que é música, e faz núpcias com ela. Música ao qual corpo não resiste, aparece atraído por forças obscuramente explícitas. Falar da música que redobra e reinventa. Música vida, canto de flor. Musicalidade das almas inquietas. Alegrementemente inquietas. Fazer ouvir os saberes que nascem cantados. Coisas frágeis, e, no entanto tão fortes tão plenas. Canto imanente à própria vida que canta. Pois até o desejo canta. Desejar a vida é, também, querer cantá-la. Respiração ofegante. Música que invade. Que suscita meandros e detalhes do nunca visto. E que é, em si mesma, a expressão maior do viver. E que de tão pequeno também cabe no cotidiano da mão.

Ao escolher e discriminar o que é extraordinário, surpreendente, difícil, divino, a filosofia se define em oposição à ciência, do mesmo modo que se define em relação à habilidade de preferir o inútil. (NIETZSCHE, 2008, p.35)

Saber-se tão grande, a ponto de desconhecer seus limites. E saber que desconhecer seus limites, é o que há de maior na natureza, e por isso infinito. Pois, as moléculas, são o que há de menor e de infinito no universo. Reconhecer-se em uma humildade grande de quem não sabe nada. E sentir assim a grandeza do agreste perene, e das cobras que voam ao meio dia. O maior de todos os mistérios. Carro de boi. Chão rachado. A incerteza do chover, e o sol que reina de forma absoluta e dilacerante, num céu que por vezes parece tecer castigos. *Enxoquiamento*¹¹. Promessa feita ao peito nu da mãe que se mostra, que implora, que agoniza diante do inexorável. Se vendo ali diante do matriarcado. Da mulher. Mulher peito. Peito selvagem e terno, e farto, e alimento. Que implora. Apela. De lugares onde as palavras da gramática não são suficientes, e por isso se inventam

¹¹ Expressão utilizada por Dona Santinha, que tem por significado exemplificar um estado de choque.

palavras outras. Gestos que dizem sem palavras. Não tem órgão, tem fala, tem sentires cunhado no que se mostra.

Experiências mesmas. E clarões incertos. O sol que faz fechar os olhos e por isso ver. A clemência de ter 11 filhos. E de rezar 11 vezes a ave-maria pra cada um e tendo que deixar um deles pelo caminho porque não pode levar. Não há culpa. Não há nada. Não tem que haver nada. A perna inchada. O osso exposto. Contradição. A alegria que dói, desperta. A memória que canta música, e que nos lembra de outros tempos. A não vergonha de ser o que se é. E cantar isso sem querer cantar, nem se salvar, nem ouvir o que se acha disso. E dançar isso alegremente em baixo de ingazeiras, ou em palcos da capital. Em festas frenéticas com a intenção de se derramar para fora de si. Extravasos condimentos desesperados que vai explodir nesse lugar de linhas atravessadas, e traçadas e rompidas.

“Minha mãe não quer que eu vá
Prá casa do meu amor
Me amarra com a corrente
Se quebrar a corrente eu vou”

(Música de domínio público)

Utilizo-me da música, essa arte dionisíaca para contar, narrar a vida de mulheres cantoras. Porque assim se mostram. Do litoral. Da Restinga. Mulheres que são mães. São potentes. Potentes para escolher seu marido na feira, pelo simples fato dele ser forte e disposto para o trabalho. Potentes para ser mãe que vai toda manhã no mato, no mangue em busca de alimento para seus filhos e à noite dança, canta, fica com outros e muitos homens e no amanhecer do outro dia continua em sua comunidade dando sequência a vida.

Essa, a mesma. Sem nada. Só sonhos no amanhecer da hora. E se sentindo parte daquele que é seu lugar e seu estrangeirismo, “que dá sua palavra como algo seguro, porque sabe que é forte o bastante para mantê-la contra o que for adverso, mesmo 'Contra o destino'.” (NIETZSCHER, 2009, p.20) Só poderá ser pela música, essa arte imponderavelmente real a se derramar em corpos. As rotas de fuga fazem traçados indizíveis, indelévels, porque a música é arte das forças

simbólicas e harmônicas que na dinâmica do acontecimento em si, despeja o riso da incerteza de nada segurar. Nem a calma, nem a dor, nem mesmo o riso. O riso da dor, e o choro do riso que soluça e encanta as almas perplexas de pudores desmedidos. Musica silenciosa. De quatro notas. E que por muitas vezes dar sentido a existência. Mesmo silenciosa. Ou embalando o transe que adormece a dor.

Ritmo é da música escrita o mais Apolíneo do que se fez codificar. Como metal, corta e sangra pedindo perfeição de onde não se tem certezas. “Como músico, não saber o que vai ser amanhã, passa a ser uma maneira estimulante de viver, ou seja, não me interessa muito respostas, me interessa questões.” (GISMONTI,2014) Mas a gagueira¹² que é ritmo, sim aquele ritmo orgânico, da natureza, que se diz em blocos possíveis no intuito de revelar mistérios intransponíveis, assim, mesmo contraditórios. Para e dá o tom do que se é possível ser na imensidão do desejo que deseja. E só quer desejar. Ponto de encontro entre a aparência e a essência, o fenômeno e a vontade, o sonho e a embriagues, o apolíneo e o dionisíaco.

Acima de todas as coisas, não imagine que tocar no tempo e observar os acentos metodicamente é tudo que existe sobre ritmo. Um ritmo vivo pode ser observado com o tempo mudando a cada poucos compassos. O público logo sabe se é uma coisa viva que o executante está criando, alguma coisa com o pulso da corrente sanguínea da música correndo através dele. Torne seus ritmos vivos e sua execução vai viver e ser bonita. (EGBERTO, 2014)

¹² “Não é uma estrutura significativa, nem uma organização refletida, nem uma inspiração espontânea, nem uma orquestração, nem uma musiquinha. É um agenciamento, um agenciamento de enunciação. Conseguir gaguejar em sua própria língua, é isso um estilo. É difícil porque é preciso que haja necessidade de tal gagueira. Ser gago não em sua fala, e sim ser gago da própria linguagem. Ser como um estrangeiro em sua própria língua. Traçar uma linha de fuga.” (DELEUZE; PARNET; 2006, p.04).

2.3 Um canto, uma consonância, um lugar...

Poesia sai do chão

Dá em árvore
Cresce nos beirais das janelas
Por cima das casas
Ou embaixo dos muros.
Em Tampa de pote
Em Pé de roseira
A poesia brota, queira ou não queira.
Poesia é mãe da gente
Mandando lavar bem a orelha.
Vó batendo massa de bolo também é poesia
Assim como andar de pés descalços
E chuva caindo no telhado,
Poesia é o vento soprando na janela
Pequena brisa leva, rondando o amanhecer.
(José Laerton)¹³

Uma cantora, uma artista, uma mulher, uma senhora com marcas do tempo, dissolvidas entre a vida e os fazeres, entre trituras e tragédias. Marcas na pele, no cabelo, na negritude, na terra, marcada mais que tudo pelos seus pares. Terra que marca o compasso e o descompasso. O passo. Ginga do samba de coco. Terra que marca e é marcada pela existência forte das mulheres que inventam o litoral. Que parem o sol na pele. E que ninam as noites de prazer iluminado. O canto que guarda o saber, o olhar e a lembrança. Canto que dança. Que chora com a vida.

¹³ José Laerton é meu colega de grupo de pesquisa, de grupo de estudo, também orientando da professora Dinamara, com quem eu fiz e ainda faço trocas, que faço núpcias no campo teórico, da vida e da filosofia. Minha rostidade. Anuncio essas núpcias com muita gratidão.

Que ri entre odes. Canto que gera sedes. Vida que brota implacável. Mas tem um não sei que de encantamento ao falar da música, ao cantar o brincar, os olhos respiram singelezas e frescor de juventude tardia, continua. Ao ser indagada sobre sua história, sobre sua vida, tem a plena certeza do que tem pra dizer, o olho brilha recheado com um misto de alegria, picardia e plenitude do que viveu, do que fez pra viver e permanecer ali. Pra dizer de si, “você quer saber da minha vida? eu tenho muito pra dizer, sou muito sabida! Ah minha fia, sente aqui que tenho muito pra te contar. Ih, mas eu sei fazer muita coisa!” (Fala de Dona Valdice) e segue contado sem medo o que fez pra quem quiser ouvir. O que sabe o que fez, que linhas foram traçadas, atravessadas e que fugiram à sua geografia. Geografia que traçam linhas com a vida. Vida/música.

Pode acontecer que a música salte ao mesmo tempo que canta, ela acelera ou diminui seu passo; mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela arrisca também deslocar-se a cada instante. Há sempre uma sonoridade no fio de Ariadne. Ou o canto de Orfeu. (DELEUZE; GUATTARI; 1997 p.11)

As mulheres cantoras, que tem no seu canto forte presença do Reisado, das cantigas de roda, nos versos que se expressam nas figuras das danças e nas histórias dos folguedos, na embriaguez e no torpor que é vida e é continuidade, nas canções levadas por longos caminhos no corpo da oralidade frágil e potente que atravessa como o vento, o alento de quem canta e mantém o fogo na permanência do que é transitório. “A arte é a tarefa mais elevada e a atividade essencialmente metafísica dessa vida” (NIETZSCHE, 2007 p.26). Dali, d'onde comporta todos os possíveis sinais nas narrativas densas e fugazes, danças do querer, confusão de sentimentos e que tudo pode ser permitido e assim se revela biografias onde se diz vida e sentir. Cantam pra dizer o que não se é dito nas noites leves que pairam no litoral de um céu azul celestial, visto tantas vezes e se faz surpreendentemente novo a cada olhar. Sim, é imponderavelmente único, no mesmo tanto como somos outro ao passar de novo num mesmo rio que não é mais o mesmo, mas é também outro. Elas não cantam só para celebrar, cantam para esquecer, para abençoar e para cantar a própria vida, que é o canto maior de quem ousa existir. Tem a doce certeza

de que precisa existir naquele lugar de forma em que a sua força se transforme em permanência e querer, e diferença, e continuação, e transfiguração do mesmo.

(...) mas, sobretudo anda-se em torno do círculo, como numa roda de criança, e combinam-se consoantes e vogais ritmadas que correspondem às forças interiores da criação como às partes diferenciadas de um organismo. Um erro de velocidade, de ritmo ou de harmonia seria catastrófico, pois destruiria o criador e a criação, trazendo de volta as forças do caos. (DELEUZE; GUATTARI; 1997, p.11)

Música que se desdobra. Aniquila-se. Desfaz-se para assim se refazer do nada. E tudo ser na natureza expressa pela dança. Pés que também falam pela música. Pelo ritmo. São ligações do desigual. Transcodificação do que se deixa perpassar comunicando meios, imaginando coisas que nunca vimos. Admiração das coisas mutáveis e por isso eterna. Linhas emaranhadas que traçam, que desenharam o subsolo desse mangue. Estão por debaixo e por cima, raízes que se comunicam inexoravelmente. Vida que se diz pela música, essa música que encanta e arrebatam, música instrumento e instrumentista sendo uma só coisa e por isso dança, e por isso extremamente necessária nas narrativas que se derrama dessas histórias. Poder falar de si pela música que se dança e canta é habitar o seu lugar aqui e dizer da força que ela tem, revelando histórias, narrando, fabulando, refazendo, conjugando na embriagues da rotina, da lida, do imutável.

Sabemos que o ritmo não é medida ou cadência, mesmo que irregular: nada menos ritmado do que uma marcha militar. O tambor não é 1-2, a valsa não é 1, 2, 3, a música não é binária ou ternária, mas antes 47 tempos primeiros, como nos turcos. É que uma medida, regular ou não, supõe uma forma codificada cuja unidade medidora pode variar, mas num meio não comunicante, enquanto que o ritmo é o desigual ou o Incomensurável, sempre em transcodificação. A medida é dogmática, mas o ritmo é crítico, ele liga os instantes críticos, ou se liga na passagem de um meio para outro. Ele não opera num espaço-tempo homogêneo, mas com blocos heterogêneos. Ele muda de direção. Bachelard tem razão em dizer que "a ligação dos instantes verdadeiramente ativos (ritmo) é sempre efetuada num plano que

difere do plano onde se executa a ação. (DELEUZE; GUATTARI; 1997, p.11)

Parece que por magia, homens e mulheres continuam levando suas vidas como que hipnotizados por um poder que escapa aos olhos. E que diz Sim à vida. E que não só a diz sim, como também a toma pelos braços e com ela faz dança, faz música, e convoca Dionísio em salões de chão de barro. Casa de sapé. Bodegas na beira da BR. Sítios de beleza e austeridade. Misturas de vidas que se resolve naquele lugar que pertence a todos. Jovens com desejos de outros lugares que ampare sonhos e embale o belo que não se encontra ali, não agora. Um querer que nega o que é seu e faz o do outro melhor. E estando ali mesmo, o desejo vai para outras paragens pontuando de frescor e de significância o que significou até agora vindo dos seus. Um poder que escapa aos olhos dos homens e mulheres que tem que seguir levando no colo as crias que ainda não tem asas para voar e por isso, se deliciar com os voos rasteiros a fim de buscar a presa para alimentá-los, aguardando as primeiras penugens que indica o retorno dos pais às novas alturas. Contínuo voo. Trajetos percorridos. Sonhos. Permanência. Velhos sobrevivendo às condições irrefutavelmente suas, mantendo a cultura dos que mesmo assim ficaram e marcaram.

Lugar da eterna juventude, mesmo quando o corpo envelhece. A música é jovem por si mesma. Só os jovens, os existencialmente jovens, os genuinamente jovens podem cantar. É desse lugar místico que cantam estas mulheres. Da magia de cobras corais e de feiras a céu aberto nas manhãs de sábado. Das Mercearias de mercadoria pobre. E dos empoeirados e misteriosos quadros de Jesus que são pendurados nas salas das casas inertes. Do insondável gosto da água de pote. Panela de barro. Conversas de quintal. Rede balançando. Cercas de madeiras separando lotes. A magia do interior é imanente. E nada tem de metafísica. Não se esconde em uma caverna. A realidade dos bancos de madeira. Dos troncos secos e do massapé. Pão vendido no sexto. O voo das bicicletas.

Da magia que faz cantar. E passar a música de geração em geração. Músicas onde caboclas balançam saias. E então o corpo e a gramática são desfeitos, desterritorializados, *descorrespondidos* de forma (a)paralela, e então do balançado da cabocla a letra G dá o coração. E então se cai num poço e a letra A

nos dá a mão. Os versos narram a vida, narrativas biográficas embaladas por música de pura embriagues, entorpecendo os sentidos, dando assim sentido aonde não se vê sentido no emaranhado das teias dos destinos que se abraçam desesperadamente às forças da natureza manifesta em cada mão, em cada pé, em cada olho que rir jorrando lágrimas. "E tudo o que hoje denominamos cultura, formação, civilização. Deverá comparecer um dia perante o tribunal de Dionísio, o infalível juiz." (NIETZSCHE, 2007, p.238)

O que chama atenção nessas vidas, nesses acontecimentos que de tanto permanecer no seu lugar de nascer explode para o mundo? Povoados que se revelam na imensidão da sua pequenez, atrevidamente intensos de devires reflexos. Permitem no seio da simplicidade, doçuras, mistérios, tabuleiros, costumes, tradições. Modernas aparências travestidas de benditos e consonâncias nas pernas, no samba de coco, nos detalhes dos pés castigados do mangue. Algo de uma força tão grande, tão trágica, cômica, escrachada, vulgar, singela, provedora, contraditória. Delicados enfeites nas unhas cintiladas, feminina. Brilhos esmaltados, cabelos perfumados. É misterioso, um lugar tão pequeno guardando vidas que se esconde e se revelam dentro de si. Sombras dilacerantes das tiranias febris. Corpos inebriados e despidos que se mostram na nudez do inusitado, na naturalidade dos acontecimentos. Contenções que não contem o que se derrama.

E, no meio de todos os vestígios do passado, o homem desprovido de mitos permanece eternamente faminto, cavando e revolvendo para encontrar algumas raízes, mesmo quando tiver que descobri-las revirando as antiguidades mais remotas.(NIETZSCHE, 2007, p.152)

A luz errante no horizonte anuncia o caminho para lugar nenhum. Fica a 70km, não muito longe dali. Mágico. Místico. Misticismo que brota do chão. Rachado. Árido. Do sol ardente que brilha nove meses por ano, e que enlouquece as mais tenras criaturas. O misticismo do interior brota da anca dos gados magros. Das mulheres que mesmo sem dentes sorriem. Da pele queimada como uma folha seca. Da beleza sutil e silenciosa da paisagem litorânea de brancas areias de baixa fertilidade para as culturas de subsistência, mas que carrega uma força exuberante dessa mata rasteira que lhe é própria. Dos frutos do mato, que menino gosta,

macaco come, e passarinho leva longe as sementes para se abrir mais adiante e seguir, e de novo seguir. E mulheres catam os frutos do mato, mariscos no mangue, na lama e levam pras feiras e sustentam suas famílias que parece enaltecer a si mesma mostrando-se apenas aos que sabem ver.

Sim é um lugar, ou nenhum lugar. Mas enfim é lugar de nascença de 3 mulheres que por volta dos seus setenta anos se revelam de onde estão e se mostram para a vida, de modo cantado, labutado, escancarado, desajustado, resado, com ramo, benditos, com os pés. Um dos lugares se chama Ribuleirinhas, fica no litoral sul de Sergipe, comunidade pequena, com umas poucas casas na beira da estrada e outras tantas se derramando ora dali para o mangue, ora dali para a praia. Terra quente, árida, lugar onde o caju, a mangaba, o murici, o oricuri, o manipuçá brincam com o vento, o sol forte e a chuvinha fina cravando naquele chão a fragilidade das coisas constantes e por isso genuína e por isso imutável. Essa mata de ocorrências arbóreas medianas guarda uma variedade singular de frutos, cipós e palmeiras que por muito tempo vem alimentando e mantendo a vida e as trajetórias dessa gente que trançam cestos, cordas, apetrechos para a pesca artesanal e uma centena de tecnologias que lhes conferiram por muitos anos autonomia e manutenção de sua tradição cultural. As relações, os encontros, os acontecimentos, a significância neste lugar. Paisagens que sustentam essa geografia.



Figura 3: Mulher remando em direção ao mangue para catar maçunim (marisco). (Cedida por Claudia Leão)



Figura 4: Manguezal. Litoral Sul de Sergipe. (Cedida por Claudia Leão)



Figura 5: Restinga. Litoral Sul de Sergipe. (Acervo Pessoal)

É um lugar onde a lida é dura, longos trechos de caminhada no sol quente, na areia quente para catar os frutos, afinal é no verão onde eles estão em abundância. Limpar, amadurecer, vender na feira, e voltar com os frutos não vendidos e aproveitá-los. Colher cipós para trançar cestos para guardar aratus, guaiaumus, maçunins. Peneiras, chapéus, bocapíu (sacola de palha), pro uso na lida, no dia-a-dia, pro comércio. Siris catados no mangue de lama funda, que corta a pele, que suja o pé, a mão. Durante muitos anos foi e ainda continua sendo o palco das histórias narradas por essas guardiãs que mantêm as tradições dos seus lugares mesmo sendo desertoras, transgressoras cunhando a arte que é a própria vida. Diante dessa geografia impermanente, traço aqui a primeira linha de um mapa que vou construindo a partir das histórias que se atravessam entre minhas, delas, de outros e de tantos.

As áreas litorâneas do Estado de Sergipe, há séculos, influenciam o modo de vida de populações tradicionais com bases econômicas centradas na pesca

artesanal, agricultura de subsistência, artesanato e extrativismo¹⁴ de produtos vegetais e animais.

Os povoados onde moram essas mulheres cantoras, catadoras, são planícies arenosas que se estendem desde o litoral ao interior por variadas extensões. Partindo da praia, onde a salinidade é bastante alta, com ventos fortes, areias finas, encontram-se plantas rasteiras procurando adaptar-se às condições climáticas desse lugar. No entanto, seguindo para o interior, se desenha uma vegetação arbustiva-arbórea, uma vez se distanciando dos ventos fortes e da salinidade, na maioria das vezes se formando em moitas densas podendo chegar a constituir um ambiente florestal que se denomina mata de Restinga. Regiões também com extensos manguezais.



Figura 6: Catadores de mariscos. Litoral sul de Sergipe. (Cedida por Claudia Leão)

¹⁴ Entendido aqui como a exploração dos produtos nativos em ecossistemas diversos e voltados para diferentes mercados no conjunto de atividades desenvolvidas pelas denominadas populações tradicionais.



Figura 7: Restinga. Litoral sul de Sergipe. (Acervo Pessoal)



Figura 8: Flor da Restinga. (Cedida por Janaina Vasconcelos)



Figura 9: Mangaba em Fruta. (Cedida por Janaina Vasconcelos)



Figura 10: Mangaba em Flor. (Cedida por Janaina Vasconcelos)



Figura 11: Caju. Fruto da Restinga. (Cedida por Janaina Vasconcelos)

A valorização das áreas litorâneas nas últimas décadas advindas das atividades turísticas, especulação imobiliária, consequente degradação das áreas de Restinga e Manguezal, representam ameaças para essas populações e suas estratégias de reprodução social fortemente vinculada ao meio ambiente.

Eminentemente de tradição oral, guardam hábitos e costumes que dizem muito do seu saber, da sua pertença, da sua cultura.

Os povoados em que a pesquisa se insere, compõem esse desenho com linhas traçadas por entre terras, areias, frutas, peixes, mariscos, cipós, danças, pés, folguedos, músicas, tradição, oralidade. Todos querem falar, querem se dizer. Beira de mar, beira de rio. Entre as águas salgadas mora esse lugar. Litoral sul de Sergipe. Proporciona experiências no fazer cultural, tradicional da gente de lá. Dona Santinha que vive no Povoado Manuel Dias. Dona Valdice no Povoado Riboleirinhas. Vizinhos. Elas se conhecem das andanças por Reisados, danças e cantorias pelas redondezas. Dona Evangelista é agricultora, feirante, cantora, compositora, mora em um Assentamento de Reforma Agrária no município vizinho, há pouco mais de dez anos.

No entanto não é este lugar e estas pessoas de que esse trabalho pretende falar. Mas também é! Pertencer a si mesmo, aquela forma grega de educar, como propõe Nietzsche. É a vida o único meio de conhecimento. O discurso filosófico que se aproxima da verdade perde o seu valor. A hipocrisia dos artistas. O exercício ético. Minha opção por essas três mulheres, um pouco é por entender que uma é todo mundo. Multiplicidades. Abstrair o sujeito, pois o sujeito é o coletivo. Existem singularidades que assim como podem estar no sujeito, também estão no acontecimento. Porque me sinto mais à vontade mapeando essas três? Neste lugar? Talvez porque me tragam algum conforto, afecções, lembranças de infância. As mulheres me atravessam pelo canto, canto que move o corpo, os pés. As singularidades. Canto que é meu, delas, de todos. A forma de se mover diante da vida. Fazer uma leitura do todo. Criando outra pessoa. Impessoal. Cada mulher dessas tem todas as mulheres do mundo. Não pessoal, mas singular.

Voos de besouro que rasteja, mas logo vai ter que voar. Voo que habita a potência do agora. Abrir de asas todo no presente. Voo canto transformador. Voo que tem que acontecer para aqueles que têm asas. Voo que transforma, sem, no entanto deixar de ser. Voo que alcança as alturas. Voo incerto, que se desenha no próprio ato de voar. Assim como a música. A música é irrepresentável, não preexiste, mas assim como o voo habita a potência do agora. Rodeada de virtuais,

permeada de inconsistências. As conexões com a poesia, com a arte, e, sobretudo com o que é vivo só podem se dar agora.

Os *afectos* são sempre atuais. E isto não tem nada a ver com a verdade. Mesmo que o voo se depare em paredões e paredes estanques, barrando o vento para onde leva a pura intenção de voar. Neste ponto entre o saber e o saber mal que imaginamos ter algo a dizer. Voo incerto porque as incertezas perduram, comovem, sustentam o insustentável. A música que cala no instante suspenso que não pode perdurar, mas que ampara o irresistível, o absoluto e por isso vivo e não menos durável. Tempo forte, tempo fraco, tempo da música. Tempo que respira e que o afecto está no momento suspenso onde a respiração tem o ponto zero e que não é vazio e por isso sustenta os tons. Efemeridade que atravessa os corpos. Corpos objetos. Concretos. Tão efêmero quanto os acordes que se foi no instante exato que se fez para se tornar nós mesmos.

Como habitar esse espaço sem dor? Como sentir a existência invadindo todo espaço vasto? Sendo imensa em si mesma. Cantando e fazendo existir afetos leves e brumas de potência. Canto que canta a certeza de que a vida passa, de que o corpo morre e de que a vida é breve. Canto, voo, vida. Corpo, terra, mãe. Música, tempo, dor. Voo que leva além de si. Que eleva a ares áridos. Que invoca os ancestrais. E faz lembrar o sonho das crianças. Pequenos acalantos no ar. Grandes migrações em si mesmo. O infinito no quintal de casa. O céu do litoral cheio de estrelas. Algumas feridas que não saram e marcas no rosto de quem apanhou, mas soube estar sempre de pé em frente a vida. Parindo-a. Dizendo sim. Desfazendo as raízes do amanhecer. Porque quando amanhece no litoral de areias brancas e áridas, é hora de por o coração a sangrar no sol. A fazer o filho, a queimar o pé no chão. A cantar pequenas carnes.

Corpo musical. Sons e ritmos repetidamente busca na imanência o fio que conduz a respiração do improviso. Estrutura. Cama que se deita para sonhar e permitir a dança. Cadencia pulsa a música do andar que balança o corpo quando a corda vem e vai e o pulo é o que se comunica para acontecer no sorriso à brincadeira. Voar o que não se pode porque o voo do besouro é surdo? Estética. O voo que faz som nas asas da querência. Voo que rodopia na incerteza realizada. Morte-vida-morte. Bruxas do agora.

De sempre? Sim, porque a vida é sempre. Sempre possibilidades e devires. Sempre retração. Sempre impulso. Sempre pulsação. Voo do improviso, agonias que saltam à escuridão inabitada dos olhos de Clarice, como uma lança, se lança para vir a nós e dizer o indizível mesmo que o dito fique pelo não dito por que ela mesma não quer falar. Falar do caos? Não, melhor fabular e escrever!

Escrevo singelezas e absurdos. Contenção que não contém o absoluto. Cascas encouraçadas e encapuzadas. Reservadas. Todos têm um olhar para o acontecido. Falo do som desse lugar. Do assovio de Josefina(KAFKA, 2002) que liberta dos grilhões da vida cotidiana, e por um breve instante também nos liberta. Liberta dos grilhões das coisas incertas. Qual a certeza que se tem diante da dor se não na dor. Se não na alegria dessa certeza que toma qualquer caminho e ele nos leva para todas as dores e alegrias que se conservam da vida. Lugares das incertezas publicadas no quadro da natureza, dos dias que vem e por isso se perdem no agora. O assovio, a música que costura, que alinhava esse lugar, essas pessoas de lida dura. Só a música, o simbolismo dos instintos, poderá dar sentido à existência. Vidas tatuadas de potência. *Amor fati*.

Para tanto é preciso não memória, mas um material complexo que não se encontra na memória, mas nas palavras, nos sons: "Memória, eu te odeio." Só se atinge o percepto ou o afecto como seres autônomos e suficientes, que não devem mais nada àqueles que os experimentam ou os experimentaram: (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.129)

Lugar do agora, de um passado distante que faz a volta e que de tão longe chega aqui, no amanhecer desse dia. Parte da vida. Assombrosamente solta. A música convoca a soltura no instante único de lembranças de sons. Palavras sonoras. Memórias que se encontram nas palavras e nos sons. Fios condutores que vem contando essas histórias que se repetem e se renovam no mesmo instante que se foram e permanecem na oralidade frágil e perpétua da vida nômade.

Sapato Novo

Agente não tem mais dinheiro
Pra comprar sapato novo
E de chinelo não corro
Querem me tentar subtrair
Para me fazer subverter
Para me envolver sem libertar
Para não gozar submeter
Já vale o sol daqui desse sertão
Que de tão ser forte
Queima a razão
Querem me forçar fazer sorrir
Com o que passa na televisão
Querem me arrancar sem me pedir
E eu não tenho mais dinheiro não
Um bocadinho só
O sino da gente começou a badalar
Dos badulaques que trago comigo
Eis meu canto logo insiste
Começar um tempo
Movimento que será
Me diga o que temos de emprestado
E o que podemos dar
Salve esse progresso dentro dessa bandeira
Abra de mão do destaque vem pro chão sambar
Chama um carrego
Pra ajudar levar a feira
Queira dividir o peso
Mesmo que pra aliviar
Um bocadinho só
(Polayne, 2009)

3 Oi elas!

Que as fias não namoraram e nem namoram o tanto que eu namorei, e só deixei de namorar quando me casei , me casei nova né? Me casei com 16 anos, me casei logo e fui tratar de parir, tive 8 filhos. -O marido foi morar com minha irmã né?- Ai fiquei sozinha com tanto fio pra dar de comer e ai como é que eu vou fazer? Minha mãe disse, vamos *trabaia* para fazer sua casa que é p você *trabaia* p saber como é bom! Rapaz eu comi o pão que o diabo amassou. Como é que eu vou *trabaia* ,*oia*? Juízo pouco! Mas Deus sempre dá o dote né? Ai quando o dia *quilariava*, ai me arrancava da cama, só fazia explicação pra fia maiorzinha: Oi, toma conta da casa, faz café, faz comida, bote feijão no fogo pra vocês almoçarem meio dia que eu já vou me embora! E saia com a inchada nas costas, chegava lá fora em Zé Monteiro pra limpar coqueiro, limpar bola, arrastar palha pra botar nas carreiras, arrancar mandioca d'água, batata d'água, raspar mandioca, peneirar massa, plantar batata, plantar milho, plantar feijão. Os donos me dava cocorote na cabeça, plante feijão, eu ai plantava! Ele cavando buraco de *enxadeco* e eu sacudindo feijão! Rapaz eu lutei, quando chegava assim uma hora dessa (12:00h) maré d'agora por diante se fosse cheia, ai pegava a lata me largava pro mangue, já tinha feito muito trabalho por lá pelas roça, né? *Trevessava* essas vagens com água por aqui (na cintura), chegava aqui pegava a lata me arrancava p maré, quando chegava da maré de volta já era misturando o dia com a noite, já vinha cansada, e assim mesmo era só entrar p dentro, me arrumava me aprontava, os meninos ia lá p casa da minha mãe né? A minha mãe dizia: "Deixe os meninos que eu fico!" Ai eu ia brincar Reisado, quando chegava no Reisado brincava a noite toda, vendia as muquecas (pequenos peixes assados na palha de oricuri). ah, naquela época eu ganhava, eu era sabida! Eu levava 20 de moqueca trazia 40 (risos).

(Fala de dona Valdice)¹⁵

¹⁵ Entrevista realizada em 14 de janeiro de 2014.

Dona Valdice, mulher encantada que vive na ilha das bacantes, ali mesmo, em seu lugar de nascerça, povoado praieiro. Marca a ferro e fogo seu caminhar, seu beber e seu fumar, seu rezar e seu cantar, seu estar e seu brincar, seu transar e seu viver, vivido como tem que ser, vivendo segundo a natureza. Estoica. A vida como ela se apresenta. Aproveitável. Seguida. Música e tragédia. Mulher forte e só. Mas os fortes ficam sós! E porque faz. Ou tão somente diz que faz, com toda exuberância. Afinal, não importa se faz, importa dizer que faz e aí, a vontade é pura potência. Movimento de forças ativas. Um existir por si só. Um mundo maravilhosamente trágico. E por isso potente. E por isso cantante. E por isso viçoso quando chove. Chove para regar a esperança, o desabrochar das migalhas grandiosamente fartas. Pés femininos de unhas pintadas reveladas nos grudes de leite de mangaba, catada no chão, no galho. Sabedoria que vê no fruto igual aos olhos do leigo, a diferença do que se deve colher. Colhe arte que é tudo aquilo que o homem faz movido pela sua potência.

Porque naquele tempo eu era bonita, formada rapaz! Hoje tô com 74 anos... *Ontonte* mesmo teve uma festa aí, aí em Magro, com o tocador lá de Boquim. Quando eu tomei banho, que me arrumei que me ajeitei, a primeira que ele chamou foi eu, não foi não Elma?(Pergunta à filha) Ele me agarrou aqui, era ele cantando e nós dançando aqui (e mostra com o corpo a dança) Ele disse: “Mas essa coroa não é mesmo boa na perna?” Pra você ver meu fiu! Tá pensando que eu já morri é? Ah,ah,ah ,ah, to viva! (risos).

(Fala de dona Valdice)¹⁶

Destemor alimentado pelo enfrentamento do que tem pra viver. E assim ser, diante da vida. Admirada, como se assistisse da plateia sua própria história encenada neste palco. Com lágrimas e risos, dor e possibilidades. Mas ali mesmo, sem sair, sem fugir, sem correr. Opinando. Concordando. Discordando do diretor. Enfim, ali, divertindo-se com o trágico imutavelmente dado. E porque sair, se somente ali nos representamos. E gritamos. E calamos diante da cena, sem ter outra. “O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a potência estética da

¹⁶ Entrevista realizada em 14 de janeiro de 2014.

natureza inteira, para a máxima satisfação do Um primordial, se revela aqui sob o estremecimento da embriaguez.” (NIETZSCHE, 2007, p.32)

Por isso é impossível à linguagem chegar a esgotar o simbolismo universal da música, porque esta é a expressão simbólica da contradição e da dor originais que estão no coração do Um primordial e porque ela simboliza assim um mundo que plana acima de todo fenômeno e existia antes de todo fenômeno. (NIETZSCHE, 2007, p.56)

No primeiro dia que me encontrei com essa mulher/menina, veio assim chacoalhando brincos e adereços de um fulgor singular. Abraçando todo o salão. Salão este que tinha em sua maioria, gente de sua gente, de seu convívio, de seu estar. Era por ocasião de um cadastro que fazíamos para um projeto nesta comunidade. Já estando todos sentados em roda, veio ela: linda senhora de alegria despreocupada. Chegou.

Como dizer em palavras todo aquele estar que atravessa essa vida imanente? Mas são palavras que sairão da boca, e também das mãos, e dos olhos, e do corpo que salta para dentro de nós e juntando tudo isso não poderá dizer da intensidade dessa mulher. Quando pedimos para que se apresentasse, colocou no círculo pra girar, a transparência de uma Bacante de Dionísio, daquelas que não tem medo de “dizer-se”, porque dizer é tudo que se tem. Canto e falo de todas as mulheres que fazem a vida arderem. Em chama de vida. Como fala Nietzsche, tomar a vida como um experimento. Apenas falo dessas três Erínias para falar de todas as dionisiacas que toma a vida nas próprias mãos. Para além do desconforto, das vicissitudes. Tragédias. De todos os *artesãos cósmicos* que vão ao encontro dos seus desejos, gozos, gostos, desgostos. Enfim, encontro consigo mesmo.

Uma fuga é uma espécie de delírio. Delirar é exatamente sair dos eixos (como "pirar" etc). Há algo de demoníaco, ou de demônico, em uma linha de fuga. Os demônios distinguem-se dos deuses, porque os deuses têm atributos, propriedades e funções fixas, territórios e códigos: eles têm a ver com os eixos, com os limites e com

cadastros. É próprio do demônio saltar os intervalos, e de um intervalo a outro. 'Que demônio deu o maior salto?', pergunta Édipo. Sempre há traição em uma linha de fuga. Não trapacear à maneira de um homem da ordem que prepara seu futuro, mas trair à maneira de um homem simples, que já não tem passado nem futuro. Trai-se as potências fixas que querem nos reter, as potências estabelecidas da terra. (DELEUZE; PARNET; 2004, p.53)

Se na sua comunidade ela caminha por entre as flores do lugar, na beira da estrada, na casa da irmã que roubou seu marido. Nada importa, nem mesmo o que se fala dela. Afinal ela é forte, é força ativa. Existe por si só. Dentre tudo aquilo. O que se fala não importa, ela segue existindo. Abençoa quem cruza o seu caminho, porque é resadeira, mesmo que façam caras de indiferença, desdém. Nem se dá conta! Não, nada importa, se diz a melhor “tiradeira de Bendito”, não tem ninguém no lugar que reze um morto melhor que ela, “Só *adepois* que eu chego no velório, o povo já diz: 'lá vem Valdice!' Ai, quando tiro o primeiro bendito eu levava a alma do defunto a Deus. Da boca da noite pra meia noite era seis benditos, de meia noite ate madrugada era doze. Eu sei de bendito, de toda espécie”. E segue dizendo com toda firmeza o que sabe fazer. Quando lhe pergunto com quem aprendeu, responde de pronto: “Deus que me ensinou na minha cabeça, eu não aprendi a ler, mas tive a consonância de aprender tudo”. Sem medo de mostrar o que é. Sem classificação. Talvez a chamem de louca, mas nada importa. Segue pelas rodagens do seu lugar. Estrangeiramente por seu lugar. Filhos adultos, já criados e aconchegados na sua realidade de transparência que de tão insuportável derrama sem medo para além de tudo. Naquele lugar. Pertencer a si mesmo.

Bruxas sondáveis da vida flutuante desse mesmo lugar. Como se habitassem mundos possíveis dentro e fora. Queiram-me. Comam-me. Eu estou aqui. Quero tudo e muito nessa intensidade que é potente, insondável. Possível, impossível. Sou e digo que sou. Sem arrogância. Sem afronte, porque ser, já é o desmedido, sem arestas, sem começo nem fim, o meio pleno de possibilidades. Subjetividade coletiva e, no entanto singular.

Exigir da força que não expresse como força, que não seja um querer- dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede

de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força.. Mas não existe um tal substrato; não existe "ser" por trás do fazer, do atuar, do devir; "o agente" é uma ficção acrescentada à ação - a ação é tudo. O povo duplica a ação, na verdade; quando vê o corisco relampejar, isto é a ação da ação: põe o mesmo acontecimento como causa e depois como seu efeito. (NIETZSCHE, 2008,p.14).



Figura 12: Dona Valdice no Jardim de sua casa, vestida de “Dona do baile”.
(Arquivo pessoal)

Chegar na casa de D. Valdice. Multicoloridas flores vem passeando por entre o olhar que adentra aquele jardim. É misterioso e alegre a um só tempo. Como encontrar com o seu cintilante olhar, de um olho *contrastantemente* opaco como o

tempo de espera. Mulher que sabe que a carne é tenra demais e que há coisas incertas que fazem adoecer. Por caminhos traçados que eu nem mesmo vi, invento percursos que existem nas histórias dessas e de muitas mulheres que vejo. São detalhes que saltam aos meus olhos de forma agonizante. Agonias. Como poesia que se quer escrever por linhas tortas, ao sabor do vento. E vento quer passear e muitas vezes arrastam afetos para dizer mais longe.

Longe é o que se quer anunciar aqui. A elegância da sua casa. Vivos detalhes de plástico adornando paredes que não são brancas, como não foi branca a tela de Miró. Paninho limpinho e quadriculado cobre de doçura um pote de barro disposto no murinho no canto da cozinha. É singelo dizer com tanto entusiasmo e vigor do cuidado de si e da casa. Força ativa e potente. Tanto que não pode ter espaço pra nada além de força, só, somente força, e vontade, e força, E... E... E... Amor! No percurso da sua casa até a comunidade onde nasceu e vive.

Assim, estranhada pelos seus por ser diferente, fala desmedidamente sobre os afetos que mantém com todos. Fala sobre um rapaz que lhe propõe namoro mesmo ela com setenta e quatro anos. Fala levemente de como é querida por todos na comunidade. Não pleiteia respeito, aqueles respeitos de que o mundo cunhou como verdade. Não importa nada que se cunhou. Para ela importa cunhar-se. Já basta. Amar, amar perdidamente! Deleuze nos fala de servirmos de nossa solidão como um meio de encontro, "tecer uma linha ou um bloco entre duas pessoas, produzir todos os fenômenos de dupla captura, mostrar que a conjunção E, não é nem uma reunião, nem justaposição, mas o nascimento de um gaguejar, o traçado de uma linha quebrada que parte sempre em adjacência, uma espécie de linha de fuga, activa e criativa? E... E... E..."

Amar!

Eu quero amar, amar perdidamente!

Amar só por amar: Aqui... além...

Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente

Amar!Amar!E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...

Prender ou desprender? É mal? É bem?

*Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!*

*Há uma Primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!*

*/E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...*

(ESPANCA, 2013)

E como a poesia quer lugar de afeições, mirabolando segredos indeléveis. Como dizeres em palavras que quer dizer mais que tudo. Estão *enxoqueadas*. Se pernas são consonantes é porque se sentem na consonância da vida o peso que elas partilharam. Através da música devo narrar essas histórias. Músicas do brincar. Músicas do cotidiano de comunidades praieiras. Musicas de mulheres que catam frutos do mato para vender nas feiras. Música de versos. Em verso brota a alegria do desafio narrado em prosa. Músicas que vem através de gerações. Na oralidade. Dizer e cantar e prosear afetos. E corpo que fala no sambar do pé, no dizer com sons de melodias que se expressam dos organismos pulsantes que desejam comunicar os sentires. Devir. Inventamos objetos de pesquisa para dizer de nós, de ventos que levam, de vida ativa. Sentimos os acontecimentos por ver e ouvir histórias, narrativas no sentido mesmo de como acontece. São histórias que inventam vidas e saberes. Inventamos vida para a poesia, para a música, para a filosofia, para a arte. Ela que dar sentido, desconcerta, desconstrói. Dar movimento. Nem que se fale da Restinga, e dos frutos e do mangue. E da dança e da música. E das mulheres e filhos e dor e tragédia. Tudo que se coloca neste girar poderá se falar sozinho enquanto que singularmente sozinho se fala do Uno. São as singularidades na multiplicidade.

A fala de Dona Valdice é recheada de versos, de canto, de prosa. Como um ponteio, vai desembrulhando sua história. Cada pacote, cada embrulho ela canta uma música entrecortando a narrativa com a sua trilha sonora e que faz um total

sentido ao seu dizer, ao seu sentir. “Menino dos olhos verdes, recheado de melancia, o beijo da tua boca me sustenta trinta dias”, diz esse verso para ilustrar sua fala, quando reflete sobre a condição da mulher solteira que pode escolher com quem deve namorar. O seu sentimento faz concatenar a desordem como o caos meticulosamente desmedido, do sempre, do meio, do ritornelo que vai ao refrão da vida para assim fazer sentido ou dessentido ao conserto.

Dona Evangelista é mulher serena, sem pressa de falar, mas ao dizer vem com todo o seu texto pensado e conduzido com a sabedoria do tempo de espera. Passos firmes, mesmo que suas pernas não acompanhe o desejo de fazer e construir e elaborar e realizar porque sofre de alguma enfermidade que lhe causa muitas dores nos joelhos. Mesmo assim, conduz o dia a dia de modo operante. Mora em um Assentamento de Reforma Agrária e tem um pequeno lote de terra conquistado a pouco mais de dez anos, mas lindamente plantado com uma variedade de frutas e legumes. Bem zelados, bem cuidados, dividindo com o marido o trato e a lida diária, cheia de afazeres intermináveis, próprio do trabalho camponês. Ela mesma leva à feira o que foi colhido semanalmente para ser comercializado. É muito querida pela sua freguesia, muito atenciosa e cuidadosa com a sua função. Sabe de si com tanta tranquilidade e exuberância que ficamos admiradas diante dela. Um dizer com soltura e afinco no movimento com a vida, com o destino.

Feirante de tradição, mais de trinta e três anos vendendo seus produtos nas feiras. Três vezes na semana pelo menos. Em três cidades diferentes. Lida dura. Madrugadas. Arrumações. Pelejas. Treze filhos para dar de comer. Um marido doente. Sobrinhos e agregados compondo a cena dessa história, parecida a tantas outras que se repetem nas ondas desse mar ondulante e perpétuo de mulheres e multiplicidades. Mulher de voz firme e afinada. Irmã e filha de músicos. Compositora de versos que dizem do seu cotidiano, das pessoas que giram no seu entorno, como uma constelação que é viva porque respira. Conta de um jeito muito próprio sua história, um dizer despreocupadamente atento da sua narrativa. Não quer dizer de si nada além do que se é. Delicada e assertiva, vai ordenando a quem ali passar o que ela acha que deva ser feito! Quem a escuta está atento, pois a sua interpretação prende o espectador, vários tons e impositações na voz em melodias que

desenharam o personagem que quer apresentar. Dona de um poder indescritível, de autoridade singela quando fala como criou seus filhos sem precisar agir violentamente com nenhum deles apesar de uma jornada tão cheia de afazeres dentro e fora de casa para manter a família. Administrava o trabalho nas feiras quase todos os dias da semana e os cuidados com a educação dos filhos.

Nunca gostei de negocio de bater nos filhos não, odiava essas mães que ia em cima dos filhos batendo. Não é por ai, senta e conversa. Você errou meu filho, vamos conversar, isso não é de lei, vamos conversar. Tem que dar a salva ao menino. Eu nunca fui de bater não, eu graças a Deus meus filhos tão tudo homem, tudo moças, tudo mãe de família e eu sou uma mãe muito amável para eles. (Fala de Dona Evangelista)¹⁷

Muitas vezes penso em contar essas histórias a partir do que o meu olho ver. De fabulações que me atravessam quando me encontro com essas mulheres e suas vidas. Conceitos que vejo em mim vendo elas. E penso o quanto posso fabular a partir desses acontecimentos. E quanto mais me embrenho nessas paragens, entre conceitos, devires, multiplicidades, potências. Que são tão minhas quanto delas, de outros, de nós, de tantos. Que foram e que virão. Histórias que rizomaticamente se entrelaçam e que se transformam no agora devir. Mas a vida é grande. Se cerca de acontecimentos. Como o gafanhoto que entra em casa e traz a esperança onde só de pensar nosso corpo acata o dia, mesmo que seja só por hoje.

Quando menos espero, vejo essas vidas simplesmente assim, seguindo. O que falarei delas? Como a trama dessa terra, desse vento, dessa fala, desses pés viram possibilidades de fala, de reflexão. Será somente desejo de desejar escrever essas linhas que traçam os dias? Assim como cestos que se transmutam em fortes receptáculos de memórias grandes tendo que ser fortes? De cipós da mata viva, que pulsa com a lua e a noite e fortalece de água e de fluidos transformando terra em força. Que vira símbolos, códigos, signos e sai por ai dizendo coisas de alguns. Correntes marítimas que deixam de ser água pra se tornar potência, que ligam continentes, que aproximam afetos e se derramam de vida nos oceanos sem fim.

¹⁷ Entrevista realizada em 26 de janeiro de 2014.

A vontade que move é completamente limpa e serena. Tem a conformidade de um olhar que se vê mesmo que não se queira. Tem um governar de incertezas e um brilho no que tem que acontecer. Um destino sem sombras. Um modular que resiste ao tempo. Ventos que se desgovernam e o universo faz ponte para um lugar-comum, beira de mar, o começo de um caminhar, pra beira de um fundo azul. Borboletas e casulos. Governanças de querer temporais e que não vai a lugar nenhum e a todo lugar se vai a passos firmes e lentos. Tempo que amanhece e que governa a vida de quem acorda.

Dores contidas em desejos que dói porque teve que realizar. Dores contidas em desejos que não pode realizar e dói, mas o dia segue. O amanhecer é outro e tantos que não se governa. Alegrias contidas em durezas expostas em olhos chorosos e risonhos. Respiração voraz. E tristezas. Onde está? Aqui? Sim, em todo lugar. São lugares que não podem se ver. Uma mulher que conforma em sua vida, certos tributos que tem que se fazer realizar nas surpresas que a natureza propõe. A natureza muitas vezes nos pede certos fazeres que não tem como não fazer. Vou transcrever o que me contou essa mulher serena a respeito do seu segundo casamento. Depois de conquistar a sua terra, com os filhos já casados e fora de casa, viúva, precisava de um “homem pra ajudar na lida dura do campo” e foi à procura de um marido!

Mas aqui tinha que fazer cerca, cavar buraco, tinha que esticar arame e eu nunca trabalhei com essas coisas de cerca. Sozinha os filhos pra lá, vinha cá só de vez em quando. Mas eu pensava: tenho que arrumar um casamento. Eu não quero ficar só não, eu tenho que arrumar um casamento. Senhor, você sabe que eu não tenho esse costume de andar conversando com homem. Então, proceda minha vida. Bote assim um homem de idade uma pessoa do bem. Que esteja sofrendo como eu em busca de uma companheira. Isso era eu pensando, andando pelos mato com umas estacas nas costas, quando sentava na sombra, ficava dizendo isso! Quando foi um dia eu fui em Itaporanga visitar um cunhado que estava doente. Ai eu me sento na rodoviária e chegou um senhor e se sentou. Ele perguntou: E ai, tá fazendo o que aqui? Disse: Vim visitar um cunhado. Ele disse: Seu marido morreu né? Não quer casar de novo não? Eu

disse rapaz eu quero, se eu achar um homem que de certo, eu quero, não quero ficar só não! Eu tava com 58 anos, ia fazer 59. Ele disse: Em Rosário tem um homem que a mulher morreu e ele tá com dois anos de viúvo, mas tá doido atrás de uma mulher pra viver. Eu disse: Rapaz, é nada!? Todas que ele acha não quer, não é do agrado dele, ele não quer gente nova, só quer uma pessoa de idade! Já tem seus setenta anos, trabalhador que só! Eu digo: Traz esse homem cá! E aí? Como é que nós faz pra acertar esse homem? Ele disse: Hoje mesmo vou dizer a ele que arranjei uma companheira e vou trazer ele pra senhora ver! Tudo bem! Disse ela. (Dona Evangelista)¹⁸

A Força que afirma a vida tem poderes que não conhecemos, mas que o sabor dos ventos e das horas imprime uma vontade. Um devir. A permanência das coisas imutáveis. O dismantelo que abraça a vida. Seja rápido mesmo parado, diz Deleuze. A condição do artista, criando sentidos e valores. Movimento. Afirmação da vida mesmo em seu caráter absurdo. A criação, a redenção do sofrimento. Mesmo o eterno retorno sendo uma hipótese o que se pergunta é matéria envolvente, factual: “Afirmas a vida como ela é?”. “A arte suprema de dizer sim à vida” (NIETZSCHE, 2012, pg. 119). Abraçar o instante e sonhar com as coisas que se movimentam ao nascer do dia. A conformidade do coqueiro pelo vento. Passeios.

Quando é um dia, eu *tava* vendendo na feira e chega um senhor bate nas minhas costas e disse: E o homem? Eu disse sim, cadê o homem? Ele chegou disse, oi eu aqui! Era ele mesmo que veio até a mim! O homem era tão *miúdo* que falava assim: Oi eu aqui! (faz uma voz fina imitando ele). Eu disse: *Vixe* Jesus é esse o homem? Ah rapaz, esse não aguenta a minha barra não! A minha barra é pesada! *Oxen*, eu penso que é um homem e me vejo pegada com um grilo! Isso é um grilo rapaz! Ele chegou e disse: Só sabe vendo né?(imita novamente a voz fina do homem) De tão *miúdo* que falava assim. Rapaz tu aguenta minha barra nada! Eu olhei assim pro lado e me medir, pra mim que eu sou maiorzinha um pouco né? Ave Maria! Eu *tava* com Eduardo, meu filho, e disse: E aí, é esse o homem que quer casar comigo! Eu quero um homem pra trabalhar, não é pra tá

¹⁸ Entrevista gravada no dia 17 de Janeiro de 2014.

olhando pra mim não!(risos) Meus *fio* queria que eu arrumasse um homem, ele via que o meu baque é grande nessa terra sozinha né? Mãe, faz um teste, se não *dé* a senhora arruma outro (disse o filho). Quando é que você vai lá? Apareça la no meu lote pra tu ver se aguenta mesmo minha barra! Quando é um dia chega uma visita. Quando eu olhei era ele, *tava* com a cabeça raspada, sem chapéu. Isso não vai dar certo não, eu disse. O homem é fora de forma, até raspar a cabeça! Parecendo aquela coisa triste. Eu disse, oba apareceu? Eu não dava credito não que você vinha! Eu queria companhia bem verdade, agora era um homem que tivesse presença, mais forte, né? Mas um grilo! Eu perguntei a ele: Que vicio você usa? Aqui se você beber pode voltar hoje mesmo, pra você conviver mais eu é sem vicio! Ele apareceu e veio pra ficar. Mas graças a Deus deu certo. (risos). (Fala de D. Evangelista)¹⁹

“(...) há devires que operam em silêncio, que são quase imperceptíveis.”
(DELEUZE; PARNET; 2004, p.10).

Experiências potentes. Singularidades, diferenças, contradições. Vidas que se diz forte. Produz velocidade. Porque a música é pura ausência de gravidade. Conceito e arte. Permanência na mais pura inconsistência onde o acaso faz muito mais caso que as invisíveis mesmices e certezas. Desfila-se na vida da comunidade que segue igual. O medo do diferente cria contenção, desperta julgamento, faz acontecimentos e casualidades na potência do falso. Arte. Vida pulsando em bonecos de marionetes, pendurados no cabide da tenda, à espera do momento da cena para viver verdadeiramente o falso. Potência. Acontecimento. Velocidade no ponto zero. Dionísio e Ariadne que convoca o touro, que rir do falso. Labirinto sonoro e musical. Materialidade.

Este liberto ao qual é permitido prometer, este senhor do livre-arbítrio, este soberano - como não saberia ele da superioridade que assim possui sobre todos os que não podem prometer e responder por si, quanta confiança, quanto temor, quanta reverência desperta – (...) O homem "livre", o possuidor de uma duradoura e inquebrantável vontade, tem nesta posse a sua medida de valor: olhando para os

¹⁹ Entrevista realizada dia 26 de Janeiro de 2014.

outros a partir de si, ele honra ou despreza; e tão necessariamente quanto honra os seus iguais, os fortes e confiáveis (os que podem prometer) - ou seja, todo aquele que promete como Um soberano, de modo raro, com peso e lentidão, e que é avaro com sua confiança, que distingue quando confia, que dá sua palavra como algo seguro, porque sabe que é forte o bastante para mantê-la contra o que for adverso, mesmo "Contra o destino". (NIETZSCHE, 2009, p.20)



Figura 13: Dona Evangelista. (Acervo pessoal).

A música faz caminhos escorregadios de sonoridades curtas e dolentes e por isso se da nas profundezas do que nos cura e assim segura o ar por alguns instantes absurdamente eternos guiando nossas memórias para além dessa realidade que conhecemos e que fica aquém em nós. Muitas vezes me vejo escrevendo com uma distância enorme do objeto que estou a pesquisar, falo objeto pensando na matéria, na materialidade que é pura vida, é a vida das mulheres cantoras, potentes. Essa distancia que ora sinto, parecendo não ter mais o que dizer. E é quando digo de mim, "... a palavra, a imagem, a ideia procuram uma expressão análoga à música e sofrem então o poder dominador da música." (NIETZSCHE, 2007, p.54).

4 Cantar e dançar por entre as flores do campo!

Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, copiar, imitar ou fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isto o que faz não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias sempre "fora" e "entre". (DELEUZE; PARNET; 2004, p.84).

Caminhar nesse campo vazio. E cheio de signos, metáforas, poesia, flores, espinhos. Um campo que se afeta em lágrimas, de risos que chora e verte auroras ensolaradas. Poderes absolutos. Percorrer o canto que se mistura no palco do dia a dia. Em cantorias emocionadas. Alegres. Molecas. Nos tanques, lagoas. Roupas quarando no sol que lambe o mar. Gente seguindo os passos das horas ao tentar seguir o tempo. Tempo que faz a cigarra secar. De tanto cantar. Canto do aratu nas gaiteriras. Tempo que respira o vento trazendo chuva, levando frutas de verão, mas que virão em outros verões. Às vezes abundantes outras minguentes. Safras. Mas a chuva trás pequenos mimos gigantes. Aboboras, melancias. E os mimos nos faz gigantes. Delicadezas. Feijão novo na panela. Milho doce na palha. Tradições juninas. Alegrias. Samba de roda. Quadrilhas. Acontecimentos. Potencia.

A diversidade nos coloca em liberdade. Composição. Linhas entrelaçadas. O artista compõe na medida em que se espalha em ramificações.

Vários canais e rios subterrâneos permeando afectos e perceptos. Teorias. Conceitos, que para Deleuze, ao menos é duplo ou triplo. (DELEUZE; GUATTARI; 1992, p.28) O percurso, a pesquisa vai caminhando e se mostrando em nós. Todos. Trajetos que nos compõe. Explicar, propor! O que entender das subjetividades das mulheres cantoras, potentes, do litoral ensolarado?

Numa palavra, dizemos de qualquer conceito, que ele sempre tem uma história, embora a história se desdobre em ziguezague, embora cruze talvez outros problemas ou outros planos diferentes. Num conceito, há, no mais das vezes, pedaços ou componentes de outros conceitos que respondiam a outros problemas e supunham outros planos. Não pode ser diferente, já que cada conceito opera um novo corte, assume novos contornos, deve ser reativado ou recortado. (DELEUZE; GUATTARI; 1992, p.30)

Lugares invisíveis. Como os lugares fabulados por Garcia Marques, “a imaginação é apenas um instrumento de elaboração da realidade. Mas a fonte de criação é sempre a realidade”. (MÁRQUEZ, 1968). Camadas que se revelam por infindáveis ventos soprando nas encostas. Platôs. Lugares entrelaçados. Lugares deslocados que estão ali. Imanência. Casas e quintais. São muitos lugares ali. Encontros, trajetórias, devires. São orbitas, mundos circulando por entre os ares daquele lugar. Micro climas. Micro seres. Areias, migalhas. Lamas, raízes se fundindo com outros mundos, mesmo ali! Ou em outros. Nas diferenças, nas singularidades que são de outras. Estando em nós e nos fazendo outras. Multiplicidades. Fabulações.

Era um lamento tão definido que José Arcadio Buendía acordou do seu lado e se alegrou com a ideia de que a criança ia ser ventríloqua. Outras pessoas prognosticaram que seria adivinho. Ela, pelo contrário, estremeceu com a certeza de que aquele bramido profundo era um primeiro indício do temível rabo de porco e rogou a Deus que lhe deixasse morrer a criatura no ventre. Mas a lucidez da velhice lhe permitiu ver, e assim o repetiu muitas vezes, que o choro das crianças no ventre da mãe não é um anúncio de ventríloqua nem de faculdade advinhatória, mas um sinal inequívoco de incapacidade para o amor. (MÁRQUEZ, 2000, p.140)

Fiquei por muitos dias com dúvidas que me cercavam quando pensava sobre o método que devia utilizar nesse trabalho. À medida que foi sendo traçado, percorrendo lugares que nem eu mesma imaginava tecer, fazia derramamentos incertos, e me inquietava. E mais uma vez coloco nesse palco melodias dissonantes que mais adiante, espero poder harmonizar com outros sons que convoco desde o meu lugar, o lugar das mulheres cantoras e de tantos lugares. Ou mesmo continuar dissonante. Ritmicamente variável e intenso e complexo como a música árabe e indiana. Dissonante como o universo cheio de comas, micro tons. Formigueiros caoticamente ordenados. Rizomas²⁰. Devir lugares. Lugares onde mora a música. Oralidade. Afectos. Perceptos. Doçuras. Tragédias. Forças. Desejos. Imponderabilidade. São muitos, bem sei. Mas a vida é muita. É tanta que se esparrama para todos os lados sem que nos dê tempo de pensar metodicamente sobre tudo. Porque a vida nos convoca todos os dias a viver tudo, como Evangelista, Valdice, Santinha e tantos nós. Multiplicidades. Subjetividades.

E seguimos, com perdas, alegrias, tristezas, belezas de ver o sol se por todos os dias e saber que seguiremos mesmo se o outro dia encontrar o mesmo de sempre E... E... Os métodos, as pesquisas, os campos, os objetos, as mulheres, as linhas, a música essa tão dionisíaca, que diria Nietzsche “é a atividade essencialmente metafísica dessa vida”. São linhas que se atravessam vindas de muitos e outros lugares. Sim, voltemos ao método, afinal estamos fazendo ciência!

O que é, portanto a verdade? Uma multidão móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos; em resumo, uma soma de relações humanas que foram realçadas, transpostas e ornamentadas pela poesia e pela retórica e que, depois de um longo uso, pareceram estáveis, canônicas e obrigatórias aos olhos de um povo: as verdades são ilusões das quais se esqueceu de que são, metáforas gastas que perderam a sua força sensível, moeda que perdeu sua efígie e que não é considerada mais como tal, mas apenas como metal. (NIETZSCHE, 2013. pg.5)

²⁰ “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.” (DELEUZE; GUATTARI; 1995, p.04).

A posse de saber a verdade. A convicção de possuir a verdade. A confiança na razão é um fenômeno moral. O saber a qualquer preço. Porque não há posse da verdade, mas apenas convicção, suposição de possuir a verdade. “Mentir como rebanho e num estilo obrigatório para todos”, o que Nietzsche nos diz a respeito da verdade, queria ele dar ao conhecimento as características da arte, confiscado pela racionalidade científica. E opor o trágico ao lógico ou utilizar critérios estéticos, valores artísticos, para definir o conhecimento.

Do ponto de vista da coruja, do morcego, do boêmio e do ladrão, o crepúsculo é a hora do café da manhã. A chuva é uma maldição para o turista, e uma boa notícia para o camponês. Do ponto de vista do nativo, pitoresco é o turista. Do ponto de vista dos índios das ilhas do Mar do Caribe, Cristóvão Colombo, com seu chapéu de penas e sua capa de veludo encarnado, era um papagaio de dimensões nunca vistas. (GALEANO, 1994, p.31)

Que outra metodologia usar nesse campo? Quais os passos adotados para esse estudo? Procurar situar-se no entre. Um pensamento/ acontecimento. São máquinas desejantes²¹. Máquinas de guerra²² são flechas, afectos que atravessam o corpo. Adjacências que toma o riso. Não observamos, no limiar dos dias que circunda os devires, uma insistência na pretensão de perseguir a verdade. Questões que perseguem a dor desse momento/atravessamento, em que a complexidade da realidade sobrepõe tudo. Onde anda esse lugar privilegiado que comporta toda dor? Essa imensidão, que é imanência, que é pura vida. No campo. A ciência tenta desenhar estruturas que pretendam segurar um desejo que se irrompe. Jogo de mútua interferência. Estar em movimento. No movimento. Penso que este campo se move. Areia molhada na praia que se move e engole o pé. Que é vibrante. Se move sem necessariamente ir para um outro lugar. Ficar parado em movimento. Estética. Arte que não quer ser nada e se torna intensidade.

²¹ “Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões. uma máquina-órgão é conectada a uma máquina-fonte: esta emite um fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina que produz leite, e a boca, uma máquina acoplada a ela.” (DELEUZE; GUATTARI; 2010. p.12).

A arte aparece sempre na filosofia de Nietzsche como a alternativa para a ciência, ou, utilizando a terminologia dos textos que estamos analisando, para o "instinto ilimitado de conhecimento". Isto não quer dizer, no entanto, que a perspectiva nietzschiana pretenda uma negação do conhecimento ou uma redução da totalidade do campo do saber à arte. Significa que na luta contra o desejo de verdade a todo custo, na crítica à tese metafísica de que a verdade é um valor superior, a arte não só é reabilitada por sua força afirmativa da vida, como também é escolhida como modelo capaz de impregnar o próprio conhecimento com a dimensão do trágico. A grande ambição da filosofia de Nietzsche é dar ao conhecimento as características da arte. (MACHADO, 1999, p.44)

Um campo ferida aberta. Um cartógrafo sempre busca elementos que alimentem a sua fome de compor. De tragar o ar que passeia por todo o corpo. Transvalorado. Transcodificado. Campo/corpo. Cartografar, buscar alimentos e dispor em sombras de um cheio vazio. Ir. Buscar elementos que se percorram em dobras²³. Dobras. Encaixes e dobras, e dobras. Nascendo dobras. Vai com blocos de compassos que encham os vazios para se tornarem vazio. Quando o vazio é puro preenchimento. Uma nota longa, como longo é o sangue percorrendo todo o corpo. Corrente marítima que liga todos os mares e oceanos. Fluidos. Cartografar percursos que se assemelham na única corrente. Multiplicidade.

A produção de conhecimento se dá a partir dos perceptos, sensações, e afectos²⁴ que vivemos no encontro com o campo. O estudo não pode e não é

²³ "Um só e mesmo plano de consistência ou de composição para o cefalópode e o vertebrado, pois bastaria o vertebrado dobrar-se em dois suficientemente rápido para soldar os elementos das metades de suas costas, aproximar sua bacia de sua nuca, e juntar seus membros a uma das extremidades do corpo, tornando-se assim Polvo ou Sépia, tal "um saltimbanco que joga seus ombros e sua cabeça para trás para andar sobre sua cabeça e suas mãos". Plicatura. A questão não é mais absolutamente a dos órgãos e das funções, e de um Plano transcendente que não poderia presidir à sua organização senão sob relações analógicas e tipos de desenvolvimento divergentes. A questão não é a da organização, mas da composição; não do desenvolvimento ou da diferenciação, mas do movimento e do repouso, da velocidade e da lentidão." (DELEUZE; GUATTARI; 1997, p.34).

"O Corpo sem Órgãos grita: fizeram-me um organismo! Dobraram-me indevidamente! Roubaram meu corpo! O juízo de Deus arranca-o de sua imanência, e lhe constrói um organismo, uma significação, um sujeito." (DELEUZE; GUATTARI; 1996, p.20).

²⁴ "Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentamos affectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são travessados por eles. As sensações, perceptos e affectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo

neutro, nem isento de atravessamentos, nem reduzido aos significados atribuídos por ele. A teoria e o campo se misturam, não saberia dizer quando começa e termina um e outro. São muitos campos. Como uma teoria amparar, dizer das multiplicidades! “Diz das multiplicidades porque tem inúmeros aspectos atuando em velocidades e metamorfose.” (FELDENS, 2014, p.97) As cartas que provocam uma desterritorialização no campo da ciência inaugurando uma nova forma de produzir o conhecimento, traz a arte, a fala para afetos que quer se dizer. A criação e a implicação do artista, pesquisador, cartógrafo. Há em todos os lados intensidades buscando expressão. Inventar pontes de linguagens para mergulhar na geografia dos afetos. Criação de mundos. Inventar procedimentos em função daquilo que pede o contexto em que se encontra o objeto, o olhar, o corpo.

No meio dos acontecimentos mais extraordinários, agimos ainda da mesma forma: inventamos a maior parte da aventura e não é praticamente possível nos obrigar a assistir a um acontecimento qualquer, sem ser deles os 'inventores'. Tudo isso mostra que estamos fundamentalmente -e desde a origem- habituados à mentira. Ou, para me exprimir de uma maneira mais virtuosa e mais hipócrita, em resumo, de uma maneira mais agradável: somos muito mais artista que pensamos –” (NIETZSCHE, 2011, p.105).

A realidade complexa nos coloca sob um olhar para com o objeto de pesquisa de maneira que considere a pluralidade metodológica, o irreduzível, a imperfeição, as incertezas, as contradições. Sem reduzir-se a unidades simplistas de explicação. A complexidade é a incerteza da imaginação que se faz realidade na arte da literatura. Silêncio que é tão música. Que é tão imanente. Que é mais corpo que qualquer órgão. Atemporalidade fantástica de Virginia Woolf. Areias movediças. Portos a nos amparar. Mistérios do cotidiano. Pequenas falas a representar vidas. Acontecimentos. Singularidades. Atravessamentos. Todos os desejos dispostos no tabuleiro à espera dos jogadores que mesmo diante da imponderabilidade, se mantêm sempre dispostos a jogar, jogar e jogar.

Isso não nos leva à loucura. O pesquisador não se atrapalha com a diversidade, mas pode se encarcerar com o uno. As diferenças

das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e de afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si.” (DELEUZE; GUATTARI; 1997, p.213)

seguidas nas linhas vai lentamente cartografando alguns territórios. Se, ao entrar no pensamento de Deleuze, Guattari, Espinosa, Nietzsche, enfim, eu me desdobrei, me ramifiquei e o movimento me habitava de forma devastadora, com o campo não foi diferente: o lixão, Maria p., as meninas, a escola... Tudo compondo um trajeto que colocava em velocidade, em abalo, em processo de pensamento, de ação. (FELDENS, 2014, p.127)

A relação entre o pesquisador e seu objeto partilha um terceiro elemento singularmente seu. Seu do acontecer. Seu que se passa ali, naquele lugar e não em outro, porque ali estão dois que se fazem muitos. Muitos com a experiência. Daquela experiência. Singularmente daquele lugar. São forças que atuam na realidade. Feixes. Não pode haver separação. Quais as relações que se estabelecem nesse lugar? São linhas e forças atuando a um só tempo. Zonas de indeterminação. Linhas de fuga são constituídas. Uma comida se prepara não somente com ingredientes, tempo de cozimento, temperatura, utensílios. Come o tomate, o trigo e a *mama*; Degusta o cordeiro, a hortelã e a *ima*; Se derrama pela boca e língua o creme, o leite, o queijo forte e a *mamam*. Nada é tão simples. Nômade. Que não se deixam ordenar. De dentro enquanto fora. Arte. Afectos. Perceptos. Pesquisa e pesquisador.

Ao contrário, é um fato singular que tudo o que há e tudo o que houve na terra de liberdade, de refinamento de bravura, de dança de segurança magistral, seja no próprio pensamento, na arte de governar, de falar e de persuadir, nas belas artes como nos costumes, se desenvolveu precisamente graças á “tirania dessas leis arbitrárias”; e, seja dito com a mais profunda seriedade, é muito provável que é precisamente nisso que consiste a “natureza” e a ordem “natural das coisas – e que não consiste em absoluto no “laisser aller”. Todo artista sabe que seu estado “natural” se encontra muito longe de um sentimento que se assemelhe ao “laisser aller”, que há, ao contrário, nele, no momento da inspiração, um desejo de ordenar, de classificar, de dispor, de formar livremente; é como então obedece de uma maneira severa e sutil a leis múltiplas que repelem reduções a formulas, exatamente por causa de sua precisão e de sua dureza.(NIETZSCHE, 2011, p.100)

Pisar esse campo de pesquisa exige de mim uma delicadeza, que diariamente procuro buscar e me vejo desesperada em meio à imensidão desses mundos. Porque são muitos. Abre-se uma porta a se esparramar a cada visita que faço e vejo na casa de Dona Valdice um paineleiro de ferro e vários ganchos a pendurar painéis de alumínio brilhantemente “ariadas”. Impossível não me remeter ao nosso primeiro encontro. Linda senhora coloridamente ornamentada com brincos, colares e adereços fartamente balançando nos braços, colo, dedos, orelhas. Não há economia. Não pode haver. Não nela. São potes, panos, brincos, painéis. Que diz tanto dela. Em feixes. Em forças. Falas a fabular vida. Estamos sempre: elas, atemporalidade, eu! Produzindo a um só tempo, material de pesquisa e pesquisadora. “Nada aqui é representativo, tudo é vida e vivido’.” (2010, p.34) Inventar, fabular objetos-processos. Recriando-se. Movimento. Intensidade. Como essa casa se mostra para mim o que é potente nela! Devir lugar. O material é produzido em movimento. São velocidades. Cadência ritmo. Cuidado. Delicadeza. Caminho nômade. Lugares que nunca vi. De dentro enquanto fora. Cartografando. “Mas o conhecimento é só disfarce da moralidade.” (DELEUZE, 2010, p.02).

Pensamentos me recorrem o tempo todo enquanto elaboro esse trabalho. O que estou buscando ao escutar histórias dessas mulheres? Interessa para a pesquisa as músicas que cantam? Os filhos que tiveram? As dificuldades que passaram? Como se superaram? Como se relacionam com sua comunidade? Suas estranhezas! Suas diferenças! São muitas questões! No entanto tudo vai sendo costurado com um fio. Vontade. Força que se relaciona com a força. “A vontade de poder, diz Nietzsche, não consiste em cobiçar, nem sequer em tomar, mas em criar e em dar” (DELEUZE, 2009, p.42),

Compor uma obra é se esparramar, fazer derramamentos impensados. Trazer outros corpos. Outros mundos. Movimentos constantes. No meio. São lugares do sensível. Atravessamentos. Vendo as mulheres, pensava nas músicas que cantam. Ouvindo a música delas, ouvia suas histórias. Ouvindo suas histórias me remetia às suas singularidades. São intensidades. Um sentido a produzir outros tantos sentidos. Criar. Compor. Inventar sentidos. Aprender do sensível. Compor desorganizadamente. Primorosamente. Os caminhos traçados a partir de mim e delas e do tempo. Zona de passagem. Viver como se fosse voltar eternamente,

eterno retorno desse instante, amor ao fato, amor ao acontecimento. Como simplificar a complexidade que a vida nos apresenta quando a arte faz ninho na multiplicidade? Ramificações

A obra de arte abandona o domínio da representação para tornar-se “experiência”, empirismo transcendental ou ciência do sensível. É estranho que se tenha podido fundar a Estética (como ciência do sensível) no que pode ser representado no sensível (...). Na verdade, o empirismo se torna transcendental e a Estética se torna uma disciplina apodítica quando apreendemos diretamente no sensível o que só pode ser sentido, o próprio ser do sensível: a diferença, a diferença de potencial, a diferença de intensidade como razão do diverso qualitativo. É na diferença que o fenômeno fulgura, que se explica como signo: e é nela que o movimento se produz como “efeito”. (...) São sempre as diferenças que se assemelham, que são análogas, opostas ou idênticas: a diferença está atrás de toda coisa, mas nada há atrás da diferença. (DELEUZE, 1998,p.63)

Compor. Tirar pedaços de onde não há pedaços. Caminhos entrecortados. Cavar linhas, encontrar mistérios. Nadar na correnteza. Destrinchar infinidades. Compor espaços... “Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade.” (DELEUZE, 2010). Joias forjadas a fogo lento. Aprender a ver o meu objeto de pesquisa, tem sido um percurso que trilho desde o meu lugar, que são muitos lugares. Lugar mulher. Lugar música. Lugar aprendiz. Lugar desejo/desejante. Movimento circular, força centrífuga a nos levar para muitos devires. Mulheres que fazem de suas vidas acontecimentos em forma de força, força ativa. Necessidade criativa que ampara o desamparo. História/vida/diferença/subjetividades.

Tudo tem uma história. A filosofia também conta histórias. Histórias com conceitos. O cinema conta histórias com blocos de movimento/duração. A pintura inventa um tipo totalmente diverso de bloco. Não são nem blocos de conceitos, nem blocos de movimento/duração, mas blocos de linhas/cores. A música inventa um outro tipo de bloco, também todo peculiar. Ao lado de tudo isso, a

ciência não é menos criadora. Eu não vejo tantas oposições entre as ciências e as artes. (DELEUZE, 1998. Pg.32)

Via mulheres cantoras, em um lugar árido, com histórias de vida forte, trágica, sofrida. Mas que cantava a sua dor como uma necessidade premente de saber o que quer na vontade. Força ativa afirmando sua diferença. Um saber alegre de quem quer um querer. “Porque a vontade de poder faz com que as forças ativas afirmem, e afirmem a sua própria diferença.” (DELEUZE, 2007, p.23) Ia me percorrendo no mesmo instante em que eu percorria esse trajeto com elas. Olhando elas. Por entre elas. Em muitas elas. Em muitos lugares que aquele lugar me remetia. Devir mulher. Vai existindo e tomando caminhos que me faz, não somente observar, mas ser atravessada. Multiplicidades em que o acontecimento produz sons que ressoam por todos os sentidos entrando em conexão. “No dejarse dominar por las ilusiones es una creencia infinitamente ingenua, pero es el imperativo intelectual, el mandato de la ciencia.” (NIETZSCHE, 2007, p.167)

O acorde que utilizo para compor esse trabalho vai se formando desde os meus ouvidos, à medida que vou tendo calma para escutar os tons e *micro-tons* que ressoam para que essa música seja inventada. Construída. Trazida. Os conceitos e percursos que trazia comigo, neste momento não respondiam minhas questões. Porque mais que responder a questão dessa pesquisa, queria responder as minhas, quando me deparava com essas singularidades, possibilidades. As linhas traçadas. Quero entender ou somente pensar essas mulheres na intensidade que vivem, quando afirmam a eternidade desse instante. Amando a vida, o acontecimento. Sem temer a morte porque quer a vida. O trágico afirmando o eterno retorno. “Eu gosto d’eu ser viva, mas não tenho medo de morrer” (Fala de dona Valdice)²⁵

Antes mesmo de pensar em fazer essa pesquisa, conheci Dona Valdice, como relatei anteriormente. E nesse primeiro encontro, ou melhor, nesse primeiro instante em que nos encontramos, tive sentimentos que fica difícil dizer em palavras. Não voltei pra casa me perguntando: quem é essa mulher? Mas ficava em casa admirada: que mulher é essa! Essa força, essa vitalidade. Essa alegria, esse sofrimento! Essa música, essa dança, essa vida! Essa potência! Essa invenção/fabulação. Esse cinismo. Essa *errancia*. O governar a si mesma em

²⁵ Entrevista realizada dia 27 de janeiro de 2014.

detrimento à submissão da vontade da maioria. A mentira. A dissimulação. Esse ator primitivo sem palco.

É preciso respirar e sentir a pesquisa do mesmo modo em que precisa respiração para tocar e dividir o palco com outros músicos. É uma pulsação, uma dinâmica que surge desse encontro, respeitando os espaços e os tempos de cada um. As deixas nos possibilitam preencher alguns espaços. Trocar olhares e cruzar melodias e sentir o ritmo desse corpo sem órgãos. Pulsando. Traçando caminhos. Buscando a música por entre dedos e garganta e pele e pelos, a se arrepiar em arrebatamento.

(...) na escritura mais lentamente trabalhada que se atinge essa velocidade absoluta, que não é um efeito, mas um produto. Velocidade da música, até mesmo a mais lenta. Será por acaso que a música conhece apenas linhas e não pontos? Não se pode fazer o balanço em música. Nada a não ser devires sem futuro nem passado. A música é uma antimemória. Ela é cheia de devires, devir-animal, devir-criança, devir-molecular”. (DELEUZE; PARNET; 2004, p.27)

Assim, quando minha orientadora me propôs essa pesquisa, foi preciso somente uma noite para que decidisse pelo sim. Foi uma noite de lembranças desse encontro com essa mulher. Dona Valdice! Sua vida, um acontecimento estético. Lembro-me de muitas vezes lhe fazer perguntas, e me responder com músicas e versos. Ou mesmo com danças. Com um só impulso, se punha de pé a mexer o quadril, e o rosto inebriado, alegre, feliz, se compondo de melodias e ritmos que ela mesma fazia, saindo por entre os seus dentes e olhos brilhantes e braços vibrantes e ancas sensuais na plenitude de seus setenta e poucos anos, fazendo compasso nesse acontecimento. Devir corpo.

Ser Carlitos em todas as horas do devir palhaço/circo. Ser Zaratustra em todas as horas do devir arte/fábula/filosofia. Ser pensamento em todas as horas do olhar para o tudo/nada. Acontecer em devir/arte. Acontecimento estético. Personagem conceitual. Ser da vida a arte. Morrer. A arte torna o acontecer da vida. Vida/experimento/potência. Compor o palhaço em todos os pequenos momentos do dia que se faz acontecer. Acontecer da arte que leva a vida para o sim. Plenitude.

Vida estética. Levar o professor pra casa. Levar a vida com o professor. Levar o palhaço pra sala. Levar o filósofo para o mundo. Levar a música pro dia e também pra noite, e pra sempre, e pro sangue, e suor, e cuidado, e desmesura e dissabor, e desconforto. Arte. E voz/silêncio/corpo/pantomima. Ensinartistar, do qual nos fala Corazza:

Arte é o nome desse reino de individuações sem sujeito, que é percorrido por: uma docente-hora-do-dia; um docente-pontos e outra docente-brilho compondo telas; um docente-ritornelo que assobia um tralalá (cf. Costa, 2006); um docente-rua e outra docente-nua; um docente-olhar e outra docente-haikai; um docente-infantil e outra docente-anil; um docente-poema e outra docente-romance; um docente-puma e outra docente-pluma; e assim por diante. (CORAZZA, 2009. Pg. 10)

Vida e arte. Egberto Gismonti se emociona ao escutar histórias do seu tio Edgar. Músico profissional, mestre da banda que aos 20 anos, declarou aos quatro cantos da sua pequena cidade, na época com pouco mais de dois mil habitantes, que não sairia dali, mas que ia constituir uma família, criar os filhos dignamente e ser músico profissional ali, naquele pacato lugar que tanto amava. Gismonti, instrumentista, compositor, músico de renome internacional, discípulo e profundo admirador do tio Edgar, reconhece ser essa a mais ousada e corajosa atitude de um músico, mais difícil do que compor uma sinfonia para três orquestras em qualquer lugar do mundo. Tio Edgar, diz Gismonti, tinha o hábito de visitar as famílias da cidadezinha do Carmo a fim de catalogar em seu pequeno caderno de anotações, o aniversário de todos os seus habitantes e carinhosamente, nessa data, visitar o fulano e tocar em seu clarinete uma melodia composta especialmente para essa data, como um presente, um carinho, um afeto, um festejo. A pessoa ficava encantada: “Oh Edgar, mas que beleza!” E todos ouviam menos pela música tocada, mais pelo afeto. A doação do tempo, “o ócio, que no fundo é o maior elemento da sobrevivência.” (GISMONTI, 2014). Vida, acontecimento estético!

Dona Valdice, beleza estranhamente incômoda. Canto alegre e despudorado de Dona Santinha. Jeito sereno e forte de Dona Evangelista,

agricultora, feirante, cantora, um saber de si que toma de encanto o nosso fôlego. Não sabia, mas tinha certeza que desse primeiro encontro íamos traçar caminhos desde ela, elas, de mim, do litoral, do mangue, da Restinga, de Nietzsche, de Deleuze, de Dina. Outros campos. Música. Imanência.

As artes plásticas, a literatura, a poesia são flores que preenche de luz/cores/tons e cheiros/notas a vida. A música são orquídeas que imanentemente vivendo na copa das árvores preenche de sentidos a existência, "... a palavra, a imagem, a ideia procuram uma expressão análoga à música e sofrem então o poder dominador da música." (NIETZSCHE, 2010, p.54) Não são histórias traçadas em percursos de um passado cravado, fossilizado em pedras e cavernas. Há movimento. Intensidade. Velocidade. Não há indicação para um só lugar. Como a música, vai ocupando todos os espaços, e sentidos, e força simbólica. "A existência do mundo só pode se justificar como fenômeno estético" (NIETZSCHE, 2010, p.18) Mapear, cartografar, cavar linhas para nada encontrar. São ramificações sem começo nem fim. Os fatos dão lugar aos acontecimentos. São micropolíticas. Desenhando nos traçados, percorrendo linhas.

Perguntamos, primeiramente: qual é o traço característico ou distintivo de uma coisa em geral? Um tal traço é duplo: a, ou as qualidades que ela possui, a extensão que ela ocupa. Mesmo quando não se pode distinguir partes divisíveis atuais, distingue-se regiões e pontos notáveis; e não se deve considerar somente a extensão interior, mas a maneira pela qual a coisa determina e leva todo um espaço exterior a diferenciar-se, como o da área de caça de um animal. Em suma, toda coisa está no cruzamento de uma dupla síntese: de qualificação ou de especificação e de partição, composição ou organização. Não há qualidade sem uma extensão que a subtende e na qual ela se difunde; não há espécie sem partes ou pontos orgânicos. As partes são o número da espécie, assim como a espécie é a qualidade das partes. São esses os dois aspectos correlativos da diferenciação: espécies e partes, especificação e organização. Eles constituem as condições da representação das coisas em geral. (DELEUZE, 2002, p.118)

Diferente das máquinas binárias que estabelecem modelos a serem seguidos, os blocos de devires não tem modelos, estão sempre em processo. Conformam o micro, e tem a capacidade de conectar forças heterogêneas. Vive nas linhas de fuga. Fogem do controle. Sem ser o obediente camelo que leva a carga, o peso dos valores. Ou mesmo do resistente leão criticando esses valores. Ser criança, criar novos valores, ter a inocência do supremo sim. (NIETZSCHE, 2012, p.32) Pensar tem mais a ver com o sentido que com a verdade. Metamorfose. Pensar não é resolver problemas. Antes, é criar sentidos, conceitos. Outras perspectivas. Garcia Marques diz “o olfato foi o sentido que mais me ajudou na minha literatura”.

Que resultado pode se esperar dessa trilha composta por acordes de muitos tons, variados ritmos, senão se deixar ouvir. Deixar que ela se apresente, prazer, sou “música: pura ausência de gravidade.” (DELEUZE, 1996, p.09) Como uma trilha sonora, que no teatro ou no cinema é parte da composição daquela cena, sem que se tire a atenção para ela. No entanto a música segue seu curso natural. Fazendo conexões, buscando invisibilidades. Habitando muitos mundos.

Para viver, importa ficar corajosamente na superfície, manter-se na epiderme, adorar a aparência, acreditar na forma, nos sons, nas palavras, em todo o Olimpo da aparência! Esses Gregos eram superficiais- por profundidade! (NIETZSCHE, 2010, p.22)

As mulheres. Suas músicas. Suas trajetórias. Seu lugar. Micro e macro-habitando. Devir mulher. Pequenos mundos dialogando. Movimentos complexos. Regras e explicações aqui não fazem sentido. Linhas se cruzam e compõe melodias dissonantes como a natureza. Rizoma. Todos os elementos compõem essa sinfonia. Dolentes e longos clarinetes. Frenéticas pulsações dos tímpanos ritmando, cadenciando. Violinos em adágio, pequenos silêncios. Muitos sentimentos a significar. Orquestrar. Aprender em movimento. Primeiro movimento. Segundo movimento. Terceiro movimento. *E... E...* Concerto em movimento. Intensidade. Conceito em movimento.

Como esse campo, essa pesquisa se desenha? Penso que as escolhas se processam por caminhos desenhados em muitos trajetos onde eu e elas, nós

traçamos linhas e construímos mapas a partir de todos os signos que se mostram e os que estão subjetivamente entre todas e tudo. Esse desenho contém muitas cores dos lugares onde estive com elas. Cheiros processados em sabores de frutos do mato apresentado por elas. Guardiãs da Restinga. Catadoras. Muitos sons e versos cantados, dançados, gargalhados, gravados nas entrevistas. E abraços, e risos leves e sobre-humanos, nas varandas e por sob as árvores. Corpos, pés e pernas pisando o chão de muitas terras. E a música dava o tom. A cena, o desafio épico. Ditirambos de Dioniso. Naquele palco. A *hybrys* dionisiaca, a desmesura, a desmedida. O bem / mal. Afirmando a alegria e o trágico.

Só Dioniso, o artista criador, atinge a potência das metamorfoses que o faz devir, dando testemunho de uma vida que jorra; ele eleva a potência do falso a um grau que se efetua não mais na forma, porém na transformação — "virtude que dá", ou criação de possibilidades de vida: transmutação. A vontade de potência é como a energia; chama-se nobre aquela que é apta a transformar-se. São vis, ou baixos, aqueles que só sabem disfarçar-se, travestir-se, isto é, tomar uma forma e manter-se numa forma sempre a mesma. (DELEUZE, 1996, p.89)

Queria segurar aqueles momentos de encontros com aquelas mulheres cantoras. Alegres. Trágicas. Cínicas. Potentes. Dissimuladas. Tudo aquilo me enchia de vontade. De vigor. De arrebatamento. Anotava, gravava, cantava. Não queria pensar nos encaminhamentos. Naquele momento queria beber aquela água corrente. Água que nutria. Como água fresca que ficou no sereno da noite orvalhando canela, anis, gengibre, limão, hortelã. Sensibilizando, aromatizando, saboreando. Aromas e tons que nos enchem de singelezas, surpresas. Frescor. A pesquisa precisa se maturar, ter seu tempo. Um tempo de espera, um tempo de ver o que está para além daquele campo. Em todas as linhas que esse campo desenha. Desenho em aquarela se esparramando e nos fazendo sentir como água, soltos. Um tempo em que ela se entrega porque pediu de nós uma entrega. Como a arte, que quer do artista o incondicional. Tudo, sem sobra. Assim, a obra se dá, por inteira, como um presente não mais para o artista, mas para todos que se sentem arrebatados por ela. "(...) essa afinidade fundamental entre a obra de arte e um povo

que ainda não existe nunca será clara. Não existe obra de arte que não faça apelo a um povo que ainda não existe.” (DELEUZE, 1976. Pg. 41).

São dimensões do inesgotável. Solturas do saber. Corporeidade e infinitude. Cartografar pede movimento, ludicidade, debruçar-se. Intuição, critério, observação, rigor. Inventar, visionar, fabular pelo plano dos afectos e perceptos. “Aprender vem a ser tão somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro.” (DELEUZE, 2010, p.160)

Findo esse instante, fazendo voo com todos que voam a buscar nas flores pedaços para compor o devir/ imanência. E assim compor a cena da orquídea, estando ali, à espera do voo, se alimenta do devir voo das asas que leva longe novas flores. Necessidade voo/alimento. Devir asas. Necessidade atração/permanência. Devir pólen. Multiplicidade sem ser múltiplo. Singularidade sem ser uno. Perpetuação/néctar/beleza/pétalas/cheiro/pólen. Arte/vida. Natureza. Azul lilás das orquídeas na tela de Van Gogh. Som do voo dos besouros no violino de Paganini. Atravessamentos que faz singularidades das multiplicidades. Ser vespa na orquídea sem ser da orquídea vespa. Ser orquídea na vespa, sem ser da vespa orquídea.

Então, um conceito é um movimento, uma experiência, uma vibração, uma afecção de corpos tornada pensamento, existindo nunca sem antes nos tocar, e que possui em si a potência de tocar. Esta potência coloca o conceito em movimento de atualização; comporta a sadia provisoriedade de uma “verdade” sobre um mundo, um espaço, porque contrai afecções diversas. (FELDENS, 2014. Pg 17)

5 Movimento. A arte de amar e de manter-se em pé.

Por meio da música, os afectos desfrutem de si mesmos. (NIETZSCHE, 2005, p.128)

Mulheres que se tragam na vida e se sentem no mesmo tempo dentro dos ritos religiosos que as faz sentir pertencer ao tudo, transcende a dor pelo não pertencimento. Pelo fora. Máquinas de guerra. Máquinas abstratas. Arte/ vida em que o nada faz mistérios. E rir do tempo. E tem o tempo. Tempo estético. Tempo limiar. O tempo se inventa na arte/vida. Admirar o acaso. Lida que espera. Espera que o tempo passe de ver a lagoa que não passa. Estando ali todo o tempo. Dogmas e regras saem e entram à medida da estética. Ritos se fazem estéticos nos sincretismos. E se inventa, e se torna o que se pensa na medida em que o pensamento é corpo, e respira. Na mão que se expressa para se tornar dita.

Mulher lasciva. Libidinosa. Ultrajante. Libertina. Cheia. Plena. Ainda mulher. Peito desnudo puxado pra fora do vestido para quem tiver ali ver, que tem,

(...) o bico bonito, que fez gosto aos homens que cheirou. Olhe, veja como é bonito meu peito! Eu agora com setenta e quatro anos é assim charmoso! Avali quando eu era nova! Ave Maria! Todo mundo achava lindo. E é! Veja! (mostra o peito desnudo)” (Fala de dona Valdice).²⁶

Que pudor desconcerta tanto cuidado de si? Tanta plenitude no trato com a vida. Com o corpo. Com o sexo. Com a desmesura. Com a alegria de si. Com o peito pra fora. Com a certeza de que:

Ate a hora d'eu morrer, eu nunca vou ser crente. Não vou não, porque eu nunca quero parar de cantar e de dançar e de andar nas festas. É muito triste isso. Eu sou muito alegre, não quero que ninguém empate minha alegria!(risos). (Fala de dona Valdice)²⁷.

Fado. Ir a campo. Corporificar. Potenciar. Como Nietzsche, Egberto, Deleuze, todos estão nesse campo de afectos que diante de mim respira, pulsa. Dona Valdice desconcerta, desordena, dignifica. Os conceitos nela vivem. É tão vivo quanto vivo é o conceito que eles me apresentam. Um todo fragmentado. Ai que lindo vê-los transitar todos. Fazendo canção. E dançando ao sabor dessa música. Ela põe o peito pra fora e mostra com orgulho e potência seu corpo apreciado antes

²⁶ Entrevista feita no dia 17 de janeiro de 2014.

²⁷ Entrevista feita no dia 17 de janeiro de 2014.

de tudo por ela. Toda. Plena. Rizoma. Linhas. Amor que não se deixa. Amor que não se trai.

-Esse namorado é novinho, me adula p vim morar mais eu! É casado! Mas já foi meu amante! (Risos alegres)

-Eu rezo em todo mundo aqui e em todo lugar, rezo quando vou pro Rio na casa da minha filha. Nunca neguei nem nego uma reza a ninguém, minha reza é forte, oia! Rezo bicho, gente, morada. De dor de cabeça, de dor de dente! Inda ontem veio um homem com um cavalo arriado, triste, ai eu rezei! O cavalo já saiu bom daqui!

-Dou muito carinho a meus fios. Sempre fui uma mãe zelosa. Tratei bem a eles.

-Ia pro mangue, trabaiaava de sol a sol pra dá de cumer a eles. Num me encostava não! O marido me deixou e fiquei com oito fio pra criar sozinha no cabo da enxada, debaixo do sol, arrastando os pé na lama. Num tinha tempo ruim não! Mas quando era de noite eu queria vadiar. Eu era vadiadeira! Oia!Era não, sou! Agora não tenho mais aquele fogo que tinha né!(risos) Mas gosto da alegria.

-Ai, quando queria vadiar nas festas, nos Reisados e os meninos ficava sem querer dormir, eu ficava neuvoza! A verdade tem que ser dita, né? Mas não batia não! Eu queria namorar, oia! Deixava eles acomodadinho com os mais veio e ia vadiar. Num tava morta!

-Ah minha fia, eu era quente! E bonita! Se um homem ficava uma vez mais eu, só queria ir mais vezes! Eu sei fazer o negócio, oia!(risos)”
(Fala de dona Valdice)²⁸

Infinitudes. Amor fati. Eterno retorno desse instante! Porque a vida é plena. De tudo. De instantes. De dor que passa. Que fica. Que se torna. Que retorna. Sendo outra. Sendo mais. Feixes. Fendas. Desconforto. Estar na vida em plenitude. Potencia das metamorfoses. Diz Nietzsche quando se pergunta: o que é o mundo? Uma monstruosidade de força sem princípio sem fim, ao mesmo tempo um

²⁸ Entrevista feita no dia 18 de Janeiro de 2014.

e múltiplo, dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, sem alvo, sem vontade. Vontade de potência.

Que faz música de instantes. Tornar palavras do cotidiano em palavras que move. Move como move no dia a dia. E move de maneira em que a poesia quer ser habitada por ela. Palavra que se descola do tempo tornando o próprio tempo refeito em arte. Acontecimento. Instantes. Olfato. E querendo se dizer. Indiscernível. Vindo de outro e permanecendo original. Derreter em alegrias vindouras que corta o tempo. Fazer poesia com a vida. E pode ser de outro jeito? Transitar no tempo sem ser dele abrigo. Tempo que pede a música e se perde em encantamento que nos toma o ar. E faz perder o tempo. Atemporalidade. A arte propondo a vida, sem dela fazer rodeios. Sem dela fazer abrigo. Sem ser plácido. Pois é carregada de todos os signos e lugar nenhum. Pensamento que se processa por ramas. Ramificações. Ser todas as coisas que se movem. Que se entranha nas raízes entrelaçadas do mangue que alimentam as possibilidades. Possibilidade de ver a vida de modo em que se disponha em cores e sombras e belo e novo.

Jamais mundo mais sombrio e mais agitado foi exposto: os corpos... mas também as qualidades são corpos, sopros e as almas são corpos, as ações e as paixões são elas próprias corpos. Tudo é mistura de corpo, os corpos se penetram, se forçam, se envenenam, se imiscuem, se retiram, se reforçam ou se destroem, como o fogo penetra no ferro e o torna vermelho, como o comedor devora sua presa, como o apaixonado se afunda na amada.(...)É a força dos estoicos ter feito passar uma linha de separação, não mais entre o sensível e o inteligível, não mais entre a alma e o corpo, e sim lá onde ninguém a havia visto: entre a profundidade física e a superfície metafísica; entre as coisas e os acontecimentos; entre os estados de coisas ou as misturas, as causas, almas e corpos, ações e paixões, qualidades e substâncias, por um lado, e, por outro, os acontecimentos ou os efeitos incorporais impassíveis, inqualificáveis, infinitos que resultam dessas misturas que se atribuem a esses estados de coisas que se exprimem nas proposições. (DELEUZE; PARNET; 2004, p.52)

Ternuras e abscessos que a música toma de nós. Instantes delicados permeando o absoluto sem se ver e por isso cortam o ar e o tempo e o acaso. Porque vida irrompe o acaso. Música que ampara o nosso viver. Assovios que convoca e nos acalanta. Arte que nos arrebatava. Que nos faz chorar. Vida/arte/vida, tomando o fôlego. Brinca com o corpo. Corpo que sente e escuta lágrimas. E rir do dia que labora. E o dia é cheio de frescor. De cantigas. De ritmo. De risos. De palhaçadas molecas e desconcertantes. Que se encanta com cantos. Tornar belo o que existe. Existir para o belo. E pro tudo. E pro que tem. E sem temer o que se tem o que se é. Uma brisa de silencio...

Mas se a embriaguez é o jogo da natureza com o homem, a criação do artista dionisíaco é o jogo com a embriaguez [. . .] O servidor de Dioniso deve estar em estado de embriaguez e ao mesmo tempo permanecer postado atrás de si como um observador. Não é na alternância entre lucidez e embriaguez, mas em sua simultaneidade, que se encontra o estado estético dionisíaco. (NIETZSCHE, 2007, p.67)

Amor que não cessa. De correr doida. Da filhinha que morreu nos braços. E que nunca para de doer mesmo que o tempo passe! Ritornelo. Dona Santinha. Das duas filhas que vingou de doze barrigas uma se foi ainda neném, e endoidou, e doeu. E sendo assim, “a única que restou”, ama, zela, beija, cheira. Como um felino que lambe a sua cria. E para ela, nunca acaba. Mesmo nos contornos que a vida torna. Que cresce, e nascem filhos dos filhos! E filhos dos filhos dos filhos! Filha também zelosa e guardiã dos afetos e delicadezas que não acabam. Infantilidade que torna a vida saborosa. Gosto de terra e mãe. “Minha fia vai todo dia na minha cama de manhã pra me cheirar, eu digo: minha fia não venha beijar veio não! Mas ela me faz dengo!” (risos) Ver filhos e mães adultos se cheirando. Lamber a brisa. Tocar a água fria no dia quente de verão e molhar o rosto. Sentir o cheiro do tempo. Atemporalidade. Frescor da inteireza. Alegria fugaz tornando a vida essa. A mesma. Cíclica. Diferença e repetição.

A mesma mãe que aborta a prenhes que não pode vingar. “Das doze barrigas que tive, tomei garrafada pra matar. Mas inda vingou duas!” Dona Santinha. Um dizer despudorado. Firme. Forte. Sem rodeios. Sem julgamento. Medeia. Sem

dogmas religiosos. Porque a vida é plena. Dionísio desintegra o eu, a consciência, a individualidade. E a natureza intenta essa pulsação. Para além da moral. A arte e o jogo, na tragédia, no cômico, toma lugar do instinto terrível. Eterno arrebatarse pela existência. O só existir. O sim com a existência.

Medeia: - Amigas decidida está a minha ação: matar os filhos o mais depressa que puder e evadir-me desta terra, não vá acontecer que, ficando eu ociosa, abandone as crianças, para serem mortas com mão mais hostil. É absoluta a necessidade de as matar, e, já que é forçoso, matá-las-emos nós, nós que as geramos. Mas vamos, arma-te, coração. Por que hesitamos e não executamos os males terríveis, mas necessários? Anda, ó minha desventurada mão, empunha a espada, empunha-a, move-te para a meta dolorosa da vida, não te deixes dominar pela covardia, nem pela lembrança dos teus filhos, de como eles te são caros, de como os geraste. Mas por este breve dia, ao menos, olvida, que depois os chorarás. Porque, mesmo matando-os, eles te são sempre caros e eu – que desgraçada mulher que eu sou! (EURIPEDES, 1991,p.103)



Figura 14: Dona Santinha. (Acervo pessoal).

De volta ao fado. O mesmo fado que herdou dos árabes o choro e a melancolia. Grito gemido de Pessoa que preferindo não sair do seu lugar, visitou todos os sítios e ramas e voltas e dobras. Em versos. E esteve ali em sua repartição, atrás da mesa, dos papéis, ele, outros. Heterônimos. Todas as histórias que viajam em nós. No trenzinho do caipira de Villa Lobos percorrendo esse país de muitos sabores, cores, cheiros, climas, falas, traços, melodias e ritmos, praias, rios, lamas. Nas fabulações. Bachianas. Ainda sendo um mesmo Brasil. Um trenzinho de todos os caipiras. Caipiras dos Sertões de Minas, Sertões do Nordeste. Caipiras dos Pampas, dos Pantanaís e também Litorais. E de muitas mulheres que levam,

mantem esses caipiras, pincelando cor e tons às paisagens desses lugares. “Para encontrar o azul eu uso pássaros.” (SÓ DEZ... 2010)

Todas as mulheres que compõem o meu traçado enquanto mulher. Tudo isso me leva pra esse lugar, queria chegar a esse lugar, lugar das minhas memórias, lugar aconchegante, de avó, minha, Marieta! Uma pausa de afeto. Afectos. Um respiro de conforto. Como que buscando um lugar quentinho que me ponha no colo! Por agora! Mulher forte! Como muitas nascidas no final do século XIX. Suas histórias fantásticas. Trágicas. Caipiras. Tão fantásticas quanto às histórias que Garcia Marques dizia ouvir de sua avó. Uma história...

A caminho da Vila Nova, em um carro de boi, minha avó Marieta encontrou deitado à beira da estrada, um jovem carreiro com a perna fraturada, exposta! Seu carro de boi virado, os bois espalhados, depois de trombar com uma enorme pedra. Ao ser lançado para frente do carro a grande e pesado roda de madeira passa por cima de sua perna. Ela ia da fazenda até a pequena vila onde morava. Com seus muitos e ainda pequenos filhos viajavam conduzidos por seu carreiro. Ao vê-lo caído, sozinho, dilacerado, para, e vai em direção àquele homem acudir seu gemido desesperado de dor. Era início do século XX. Nas longas distâncias do interior. Ainda um país eminentemente agrário. Caipira. Uma mulher forte, assertiva, abraçada ao seu destino. Assim! Com o que se tem, com o que se é.

Com um rápido olhar, inteiro, próprio de uma mulher que sabe o poder da natureza, orienta o seu carreiro: que procure uma árvore tire a entrecasca e corte do tamanho da canela do homem ferido. Enquanto ela acomoda os filhos pequenos à sombra de uma árvore, compondo assim, a cena que se segue.

Escolhe um paninho limpinho de um dos seus bebês. Um pouco do leite que leva da fazenda para o consumo da casa. E uma coragem serena e pulsante de quem sabe que a vida é feita de acontecimentos, e impulsos, e incertezas, e fazeres, e querer. Aquele querer do que se tem que fazer. Porque sim. Porque a vida é essa. Sem drama. Sem choro. Não agora! Ela limpa o sangue da perna com esse paninho delicado, molhado ao leite, com cuidado, mas com um vigor nos olhos

que precisam mirar outros olhos desesperados de dor à procura de alguma certeza que aquele instante passará.

O carreiro vem com as entrecascas, mal sabendo ele da incumbência que o aguarda! Depois da ferida limpa, chega a hora de colocar o osso no lugar! Como ela sabe que não terá força suficiente para essa tarefa, o convoca para a cena principal. Sim, só resta ele! Ele que cuidadosamente buscou e cortou as talas de madeira no tamanho certo, conforme foi ordenado. E mais uma vez recebe a ordem: “Vá, segure a perna dele com as duas mãos. Com jeito e força coloque no lugar!” O cabra se desesperou! Não consigo dona Marieta! Consegue sim, vamos, força, rápido! Sem que o tempo desse tempo de pensar, ele segue as ordens assertiva dessa guardiã dos destinos. Os gritos dos dois homens se fundem na força cumpridora daquela tarefa dolorosa. São muitas dores desesperadas. De quem precisa fazer o que não se quer. De quem ainda precisa sentir mais dor do que se tem. Devir dor. Imanência.

Outro paninho limpo e delicado dos bebês enfaixa a perna entre as duas talas que foram limpas pelo tempo, pelo vento e pela chuva e também pelo orvalho em tempo de seca. Depois de tudo passado, o homem deita o outro homem cuidadosamente no carro de boi, agora com os bois pareados, ordenados. E em comboio, partem os dois carros pela estrada em direção aos seus destinos. Corpos cansados, extasiados. Destinos cumpridos. Testemunhados pelos periquitos, papagaios, calangos, árvores, troncos, entrecascas. Crianças. Trenzinhos e caipiras.

Alguns anos mais tarde, Marieta, que tinha por batismo o nome de Maria do Céu, estava na feira do vilarejo onde morava e percebeu que um homem vinha ao seu encontro. Mancava um pouco de uma perna, mas nada que o impedisse de trabalhar e sustentar sua família. E o seu destino. “Os afectos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.13)

Força. Infinitude. Histórias que me recorrem ao ouvir outras histórias. Histórias que cresci ouvindo de minha avó. Histórias força simbólica. Trágico com a vida. Com o dissabor das coisas saborosas por que existem. Como a arte que na tragédia é pura vida imanente. Histórias que nos faz sobreviver. Permanência das coisas impermanentes e atemporais. Que viaja no tempo como água que escorre

pelas mãos de mulheres que banham corpos. Os corpos dos que chegam, dos que vão, dos que permanecem porque precisam ser ditos. Na poesia. Na música. Nas telas. Nos palcos. Estradas e circos e palhaços desconcertando. Mentindo, e por isso, tornando possível a vida.

Riso louco, riso cômico, desmedido, revelador dos absurdos. Um tipo especial de força. Como fala Nietzsche “descarga da náusea do absurdo”. (NIETZSCHE, 2007, p.56) Os detalhes causam o riso. Bobagens do cotidiano que faz dos instantes felizes a loucura de viver e ter o sono possível. E a embriaguez dionisiaca em movimento constante por entre as linhas e as singularidades. Como as “Comédias Antigas”, mordaz, cáusticas. Virar o mundo às avessas e revelar as farsas da vida. Parece o que pretende o Arlequim, o Mateus, o Piliu. Todos os Bufões de Reisados e Mamulengos e Circos Mambembes. Onde Santinhas e Valdices e Evangelistas se encontram em lugar de conforto desconcertando a vida e se inventando a cada dia. Fazendo choro/riso. Palhaçadas no cômico/trágico/força/vida. Coragem pra expor o seu ridículo.

O humor é traidor, é a traição. O humor é atonal, absolutamente imperceptível, faz alguma coisa fluir. Está sempre no meio, a caminho. Nunca retrocede, está na superfície: os efeitos de superfície, o humor é urna arte dos acontecimentos puros.” (DELEUZE; PARNET; 2004,p. 56)

Um outro de nós. Para que nós mesmos nos comuniquemos em diálogos sonoros nos grandes sertões. Silenciar na imensidão que ensurdece. Situar-se entre a vida e a arte. Ser Bufão em todo o tempo que o tempo pede. Fazer-se vida no inusitado. Subverter a ordem e ser Arlequim em todas as instâncias da vida. A maestria de emocionar. De fazer rir. Da lucidez embriagada. De desejar o desejo. Porque ele não é falta é produção. Vida estética.

Ser da vida uma exposição. Vida que não se pode ser outra. Quando pensamento transita pelo espaço/tempo se tem a impressão de que não pode ser nada para além da vida/arte. E ela não nos desampara, nem tampouco nos desaparta, nem nos deixa ser outro, nem nos quer para além de nada. Espaço

música. Encontra-se ocupando todos os espaços, sem mesmo existir. Sendo presença ocupante.

Quando eu descrevo a música parece que to descrevendo uma religião ou um deus qualquer. Eu doeí minha vida a algo que não existe. Eu reverencio diariamente essa coisa que não existe, mas que eu doeí e acredito. Eu sigo a determinação desta coisa que eu não vejo, e eu não duvido que isso seja o elemento fundamental que me nutre de tudo que eu preciso. (...) Cumplicidade a algo que você se entrega de olhos fechados. (GISMONTI, 20014)

Viver ao meio dia, de sol a pino. Criar a si mesma. Costurar experimentações. Afirmar a vida, o corpo, a terra, e tomar parte dela. Ser a força de vida que gera a arte. Que gera a força. A potência do falso. Temos a arte para não perecer diante da vida, assim nos fala Nietzsche. E não temer a vida. Ser nômade estando em um só lugar. Nas pequenas comunidades praieiras, de pescadoras, de catadoras de aratu, de murici, de mangaba. Nas grandes cidades, estradas, carros de boi, subúrbio, salas de aula. Que cantam. E quando desencantadas, cantam. E cantam mais. E gritam. E cospem. De peito pra fora. E rezam em quem precisa. De peito pra fora. Em meio a gargalhadas espalhafatosas e desconcertantes. De filhos que não vai vingar. Do que vingou. Do não anonimato. Nomadismo. Que poder tem essas mulheres e outras mulheres e homens, enquanto se inventar na vida e ser para além de uma verdade absoluta?

Toda gramática, todo o silogismo são um meio de manter a subordinação das conjunções ao verbo ser, de fazer com que gravitem em torno do verbo ser. É preciso ir mais longe: fazer com que o encontro com as relações penetre e corrompa tudo, mine o ser, faça-o vacilar. (DELEUZE; PARNET, 2004, p.47)

Música nos traçados, nas linhas, na pele, vibrando no aconchego da voz. A mesma música que se escuta no pé e nas palmas em sonoro silêncio, aquele de amanhecer. E se alimentar. Só acreditar na música. Que é tudo que vibra. Movimento. Pulsação. “Eu acredito que só existam duas músicas, ou dois tipos de música: uma que eu preciso hoje pra viver, e a outra que certamente vou precisar amanhã.” (GISMONTI, 2014)

Todas as vezes que penso nos lugares onde mora essas mulheres, penso possíveis pelas fabulações. Estão em minha imaginação. Estão no que elas fabularam para que torne a existência uma possibilidade, e assim não se comprometer com as significâncias. Elas criam sua comunidade. Estão para seus afectos. Criam um lugar onde se é possível ser como se é. Porque o poeta Carlos Drummond afirma, “nós do interior, temos uma imensa vantagem, não vivemos no anonimato!” Transitando por entre suas histórias fantásticas. Apaixonadas. Arrebatadas. Criar-se a si mesma. Inventar. Fabular de si. Para existir. E partir pra cima, pro tudo. Acontecimentos reinventados. “Repetir, repetir, até ficar diferente!”, como bem já nos lembra um outro velho poeta, Manoel de Barros. Alegrias desempatadas. Corriqueiras. Possíveis.

Os poderes têm menos necessidade de nos reprimir do que de nos angustiar, ou, como diz Virilio, de administrar e organizar nossos pequenos terrores íntimos. A longa lamentação universal sobre a vida: a falta-de-ser que é a vida(...) Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afectos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência. (DELEUZE; PARNET, 2004, p.51)

Possíveis de existir pelos corpos que se nutrem na atmosfera da vida. Existindo a cada dia na potência do falso. Ser digno do que acontece. Essas mulheres e seus cantos atonal, e suas sagas, e sua arte, e sua vida e humor traidor abstraído. Denunciado. Denunciando-se. Na superfície. Sentir o cheiro que leva a vida. Sentir o gosto que lambe o mundo. Olhar para ver o inusitado. Desconcertado. Querer o acontecimento, nunca se resignar. Força. E dobra. E força. Para ser alegre tenho que me perder. Alegria é delírio. É perder os órgãos.

Ela (a irmã) tomou meu marido. Ele me tratava muito bem, nós era como açúcar, pegado um no outro. Nós tinha *budega*, a nossa *budega* só não vendia fazenda(tecido). Ele matava boi, de oito em oito, matava porco, matava ovelha, a carne daquele porco ele fazia toicinho pra vender na balança, junto com a jabá, sabe ? A nossa *budeguinha* era *roiadinha* de tudo. Mas que quando ela botou o *oio*

grande! Ela me tomou inveja que ele me tratava tão bem. Até piolho ele catava em mim, era! Naquilo ela me tomou inveja. Ai começou. Ele não sabia ler, eu não sabia ler. Que era pra poder vender na *bodega* né? Chegava um: eu quero um kg de jabá eu quero um Kg de toicinho, nós pesava. Que nós sabia pesar na balança, agora pra assentar no papel, num sabia! Ela, que já tinha sido professora, sabia! Ele aí, pediu pra ensinar conta a ele. O interesse dela com ele foi pegar nessas conta, sabe? Eu meia curta das *oica* , eu não escutava bem, que quando eu chegava perto deles, eles se calavam, que quando eu dava as costas eles cochichavam. Eu digo: Um dia eu pego! Até que peguei. Eu com quinze dias de parida dessa menina que tenho no Rio, né? Ai eu peguei minha irmã com ele , inda peguei três vezes ela com ele! Que quando eu peguei eu disse: agora! Eu passei seis anos deu pesar jabá e ela anotar. Que quando *guentei*, *guentei* até onde não pude mais, peguei a errar, peguei a *falsia* ele! Que é pra ver se ele gostava! Peguei a namorar com os homens, peguei a namorar com os homens e errava mesmo! (Fala de dona Valdice)²⁹

Quisera o papel tivesse a capacidade de reproduzir a entonação, a música, a fala dessa artista da vida ao contar sua história! Sem ressentimento, o trágico tomando a vida. Ditirambos de Dionísio. Sedução estética. Sensorial. Sem nada. Nenhuma pretensão. A tragédia como fenômeno estético. (NIETZSCHE, 2008. Pg, 33)

Um dia eu fugi da casa dele com o pai dessa minha filha Aldeni, né? Ele já morreu, mataram ele. Na época eu tinha 29 anos, ia fazer 30 e ele tinha 18. E ele era um rapaz lindo! *Trabaiador* do meu marido, carreiro. Ia buscar lata de gás, saco de farinha, saco de jabá. Tudo no porto, no carro sabe? Ele era carreiro dele. O rapaz era lindo, assim da minha cor. Ele era lindo, lindo mesmo! Ai eu passei a namorar com ele e ele perguntou se eu não queria fugir mais ele! Como eu gostava dele, digo: Eu vou, eu vou fugir com você! Fugi com ele! Só levei a menina com um ano de nascida. Ela (a irmã)que já tava dentro de casa morando com ele , acabou de ficar. Ai fui

²⁹ Entrevista realizada no dia 19 de Janeiro de 2014.

morar com o outro. Mas quando fui morar com o outro, logo, logo eu engravidei dessa menina que se chama Aldení. Ai foi quando mamãe mandou me chamar que não queria a convivência dele com ele, não queria não, era *pr'eu* deixar ele de qualquer maneira! Ai ela mandou me chamar e eu vim atender ela, o recado dela. Ai quando eu cheguei lá no lugar que minha mãe tava, ela se ajoelhou no chão, botou o peito de fora e me pediu chorando, que se eu não deixasse aquele rapaz eu ia pro campo comer capim de quatro pé, igual a besta-fera, que eu tinha que deixar ele! (Fala de dona Valdice)³⁰

O “grande sim”. Que dar a força. Que nutre o tempo. Esse tempo de muitas dores. Do sim à vida. Mesmo diante da dor. Do inevitável. Da promessa diante do peito que deu a vida. Desnudo. Ajoelhado diante da cria. Acolhendo a criação e a destruição, a vida e a morte em sua plenitude. Eis o pensamento trágico. Não nega nem condena apenas aceita a vida. Acolher a criação e a destruição. A vida e a morte. Sem objeção. Amor ao estranho. Completa perda de si. Devir-imperceptível de Deleuze. A força se relaciona com a força. “A vontade de potência não é um ser nem um devir, é um *phatos*.” (NIETZSCHE, 2012. Pg. 89)

Mas eu já *tava* prenha dele. Disse para a mãe: Já to grávida, não vou deixar ele agora, só quando eu tiver o menino. Ai fiquei com ele até quando eu tive o menino. Ai ele me disse que outro homem não dava de comer aquele menino! Ou macho ou fêmea ele ficava. Foi *muié*. Ai eu fiquei com ele até quando tive a menina. Tive na casa da mãe dele. Que quando eu fiz um mês de parida, que tomei banho, ai enrolei a menina e disse : Tome fulana a sua neta! A menina tão bonitinha, rostinho bonitinho, que ela é baixinha, puxou as avó. Ai eu sai chorando e a avó ficou com a menina no braço chorando também. Não podia levar que a minha mãe não queria! E o pai também queria que ficasse com a mãe dele, que morava perto de onde nós morava. Entreguei por uma parte, por outra parte eu criei com a mãe dele, ela foi muito doente, a menina, eu fiquei pertinho né? De vez em quando ela chegava: Aldeni tá doente, Aldeni tá doente, eu ia com ela pro médico, pra Estância. Era assim, mas a menina com ela, né? Mas o que eu fazia pelos outros fazia por ela. O

³⁰ Entrevista realizada no dia 19 de Janeiro de 2014.

pai quis ficar com a menina, mas não honrou como homem, né? Ele morava lá pelo Porto do Mato e a mãe cá com a menina. Quando a menina tava com 12 anos que tava mais a avó, o fio dela, tio da menina tirou a menina, abusou dela, da sobrinha. Tirou a menina com 12 anos! Ai a menina ficou deflorada, desfeitinha, magrinha. Ele prometeu, se a menina descobrisse matava eu e matava a menina. A menina com medo ficou calada, não disse. Ai não quis ficar mais a avó não. Já quis vim pra minha companhia, sabe? Não ficou mais a avó com medo dele, né? Ainda hoje ela é de mau com ele, chama Raimundo de Nila, mora ali. (Pergunto se ela não ficou com raiva dele) Fiquei, andemos brigando ainda, foi um “pega pra capar”. Ela não disse a mim não, disse a madrinha dela, ela falou com 18 anos oia? Já tinha 18 anos quando falou pra madrinha. Comadre Conceição a minha comadre mulher de meu irmão mais veio. Ai comadre Conceição me disse: Comadre, Aldeni falou que quem tirou ela foi Raimundo. Ai eu falei pra Nila, a avó. Ai eu sei que foi um pega -pra- capar, um pega- pra- capar, mas ela já com 18 anos né? Eu sei que é isso mesmo, que nós tem que passar pelo que Deus marca né? É, tem que passar pelo que Deus quer e que Deus marca. E lá vai , e lá vai e nunca perdi a parada. Nunca perdi a parada. (Fala de dona Valdice)³¹

Movimentos transitando na vida enquanto a vida é dita. Enquanto a vida é respiração. Ora rápida, ora pulsante, ora nas fugas, ora nos eixos. Ora explode, ora se contem, ora avança. Ora bordeia e aceita. Devir movimento. Expansão e contração, dança do universo. Movimentos básicos da natureza. Música pra dança de Oiá, agressiva, rápida, sem encontrar uma pausa para por o pé no chão. Gira, gira, gira. Tramas. Linhas. Acontecimentos que dançam com a vida porque a vida chama pra dançar. Convoca. E temos que ir. Dançar. Um Toré batendo no chão, grunhido sonoro, por toda noite, sem descanso e gira, e dança , roda a maracá. A dor em transe que não dói, não pode doer. Dançar com a vida sem perder a parada.

Como seguir vendo sua filha abusada? Como caminhar, e pescar e cuidar e amamentar, sendo traída pelo marido e pela irmã? Saber manipulado, excluído. Seguir, porque a vida segue, “tem que passar pelo que Deus quer e que Deus

³¹ Entrevista realizada no dia 19 de Janeiro de 2014.

marca. E lá vai, e lá vai e nunca perdi a parada. Nunca perdi a parada.” Essa profundidade da superfície que fala Nietzsche, que convoca Deleuze. Dos estoicos, dos artistas. Que tem fome. À flor da pele. Pele que é profunda. Que é corpo. Sempre o corpo. Que pensa. Que sente. Que chora. Que goza. Que lambe a comida, que lambe o sexo. E torna vida. Linhas de fuga. Que furta. Que toma caminhos. Outros. Muitos. Para que a vida torne. E torna. Torna a amamentar outros filhos. Comer outros homens. Cantar outros cantos. Canto de acalantar-se e aos filhos. Cantos pra divertir e sensualizar e pulsar para com a vida.

Paisagens vão se revelando como o papel da foto preto-e-branco mergulhado no contraste. À medida que vai sendo embalado nos líquidos, na bacia, no quarto escuro, outros olhos veem. Outros risos trazem. Buscar lugares não mais ali. De um mesmo lugar. Imagens que o olho viu na lente que nos sentimos. Nos traçados. Nos atravessamentos. Na esperteza, na ligeireza, na captura do diafragma.

Falas que tem força. Potência de ver passar, de ver estar. Tramas reveladas e sentidas. Que mais tarde se torna arte. Arte de contar histórias trágicas enquanto cômicas. Cômicas enquanto trágicas. “Não há superfície bela sem uma profundidade horrível.” (NIETZSCHE, 2007 p.82) O ritmo da contração. O nascer da história que se emenda na outra, que puxa outra. E assim vai contando sua vida, como rizomas. Vida é puro rizoma. E contar. E traçar linhas. Molar, molecular. E fugir por entre as linhas. Mesmo que a cigana leia as linhas das mãos. Há outros traçados. A vida foge. Foge às próprias mãos. Morrer e viver na barriga de Santinha. Voltar a pedido do peito trágico da mãe de Valdice. Fugir pra buscar outros homens, muitos. Outras vidas da mesma, outras linhas.

Que es el arte? La capacidad de producir el mundo de la voluntad sin voluntad? No. Producir de nuevo el mundo de la voluntad sin que, en cambio, quiera el producto. Se trata entonces de una producción de lo que carece de voluntad por la voluntad e instintivamente. Con conciencia eso se llama artesanía. Sin embargo, salta a la vista el parentesco con la generación, sólo que aquí renace la voluntad por completo. (NIETZSCHE, 2007, p.53)

Queria falar dos ventos desse lugar. Do sol que queima a pele. Água salgada da maré. Do manguê que é alimento. Das frutas que é memória da infância. Gosto de mato, sentido pelo nariz. Cheiro também de terra molhada de chuva. Ou falar dos filhos que tiveram, dos homens que amaram, das dores que sentiram? O que é dito e não dito. E entrelaçado na imensidão desse lugar pequeno, de gente grande. De vida outras, da mesma outras. Dias febris agoniados. Que contem passados. E produzir força com a própria força. Produzir força para existir. Afirmar uma diferença que constitui em força. Silenciosamente afirmar o acontecimento e por isso ser forte. E esquecer, como potência, como força. Mas falar dos ventos que refrescam os pensamentos angustiados.

Falar do sol quente que aquece os corações gelados de abandono. E da água que refresca as vulvas em comichão de paixões escondidas. Falar em gritos. Falar em versos. Falar em gemidos, de dor e prazer dessa vida cantante. Potência que cria a realidade. Como a natureza que segue seu curso. Perfeitamente. A vida é um fluxo contínuo. Pensamento marcado pela arte, cheio de cores, de sabores. Segurar nesses instantes cores e sabores. Existe maior alegria? A arte como mediação. Nada começa, nada termina. Tudo é devir. Invenção de si. Se inventar no presente. Abraçar a vida. O acontecimento. Encaixar o desejo no desejo do acontecimento. Ser livre na submissão. Paixão pela vida. Ser único com o acontecimento. Como criança, brincar com a existência e se envolver com ela. E abraçá-la com o corpo inteiro.

O não lugar é uma condição de existência. Fluir como a música que nos toma de arrebatamento. E foge de nós como cobra por entre as tocas. Mas espreita de lá, da toca, com olhos ludibriantes querendo de novo nos encantar. “A poesia não quer dar informações, quer dar encantamento”, como diz o poeta Manoel de Barros.

Para que a música se libere será preciso passar para o outro lado, ali onde os territórios tremem ou as arquiteturas desmoronam, onde os etos se misturam, onde se desprende um poderoso canto da Terra, o grande ritornelo que transmuta todas as toadas que leva consigo e faz retornar Dioniso já não conhece outra arquitetura senão a dos percursos e trajetos. (DELEUZE, 2004, p.04).

Quero compor esse concerto tentando pensar como que distribuindo as intensidades e os timbres de cada instrumento dessa grande orquestra da vida. Sons que trago da natureza, lugar onde as histórias são produzidas enquanto arte, enquanto movimento. Entre. Há momentos que clamamos sons graves de um contrabaixo volumoso, outros de um oboé choroso, dolente. Ora um violino alegre e saltitante imitando pássaros em revoada. Essa composição do agora, da produção de si mesma a partir de uma afirmação estética. Como a filosofia que propõe Deleuze. Filosofia/arte/vida.

Eu vendia em 4 feiras por semana durante 33 anos. Eu desde menina de 4 anos, eu ia montada num cavalo, vendendo mais os meus pais. Saia sexta-feira e chegava sábado. Dei as bancas pras filhas e só to agora com a feirinha do governo porque as pernas não aguentam mais. A minha vida é assim bolando pelas feiras. Quando agente é feirante com muita freguesia, só o que agente planta não dá, tem que comprar também. Comprava cinco mil laranja para vender nas feiras. Comprava umbu, pinha, e laranja. Inhame era da roça, macaxeira, pimentão, couve, quiabo, amendoim, batata, tudo da minha roça. Acordava-me de madrugada. Da onde agente morava pra pegar o carro, agente caminhava mais de uma légua, esses carros de geladeira velha, não sei se vocês conhecem? Enchia de mercadoria, era dois na frente e um atrás aguentando, era os meninos meus sobrinhos sabe? Que sempre eu criava fios do outros! Criava porque as vezes uma situação mal, as vezes não tinha comida pra comer, uma roupa, uma coisa e outra, ai eu tinha possibilidade de dar né? Ai eles faziam aquilo pra nós se ajudar! Agente saia de casa 3h da manhã, pra chegar no ponto 5h pra pegar o ônibus, às vezes vinha de São Cristóvão, às vezes vinham de Aracaju. Podia ser a chuva que fosse, tinha que ir. Eu tive 13 filhos, e o meu resguardo era somente de um mês, o marido doente, e eu era o marido e a mulher.

Fala de Dona Evangelista

Artista da própria vida. Porque a arte, diz Nietzsche, é a invenção constante da própria vida. Reinventar-se no mesmo lugar, no mesmo fazer, no

mesmo diário. Essa alegria diária que efetua a potência só por existir. Nas amarguras caladas. Nos delírios calados que ninguém pode penetrar. Ai nesse mesmo lugar onde tudo está. Sem fugir do sofrimento. Esse super-humano que ama o sofrimento como um acontecimento. Ser forte, potente. Não há temor nos limites do humano. Estética dos afetos. Arte, ato de liberdade. E a alegria revolucionária. Não ter razão, para que sobre a arte. Inventar a vida, a si mesma. E reinventá-la, reinventá-la....

E a minha vida era pelo mundo. Era negociando em Itabaiana. Quando saia de casa as maior tomava conta dos menor. O marido era doente vivia cansado , morreu de cansaço. Eu tomava conta de tudo, das feiras, da roça, da casa , dos filhos, do marido, dos filhos dos outros que criava. Ainda vivia nos hospitais acompanhando meu marido que só vivia doente. Eu sei que até hoje eu é quem seguro o *barrufo* sozinha, nas feiras vendendo. E tinha que dar conta! E eu nunca fui triste, toda vida fui alegre. Cantava ai com o pé em baixo mesmo Ai quando chegava, que descansava da lida, me juntava com meus irmãos que eram tocadores e ficava cantando , brincando, fazendo seresta. Porque cantar eu sei bem, faço versos, faço música. Gosto muito do brincar e do cantar! Os fios mais velhos ia mais eu pras feiras, os mais novos ficava em casa com uns tomando de conta. Só criei filho na luta. E nunca gostei dessa *fulia* de bater nos filhos, eu falava eles me obedecia. Nunca gostei dessa história de bater não. Num é por ai, se o menino erra, vamos conversar, se senta e conversa. E graças a Deus meus filhos tão tudo moça, casado, mãe de família, mas eu sou uma mãe muito amável pra eles! Quando eu saio assim meus filhos pergunta: Ponde vai mãe? Não vá só não mãe! (risos) É assim! (Fala de Dona Evangelista)³²

E experimentar, experimentar até que tudo retorne eternamente. No mesmo, no amor, no sempre, na memória do esquecimento. No simples. Que intensidade, que força move o simples! Criar 13 filhos e criar vários outros que não são seus, e cuidar da roça, e colher da roça, e andar por léguas em baixo de chuva, nas madrugadas. Pregoar nas feiras, muitas feiras. Negociar. Administrar rizomaticamente a casa, afazeres, marido e enfermidade. Cantorias, brincadeiras.

³² Entrevista dada no dia 29 de janeiro de 2014.

Retornar ao compasso e trazer o tema de volta ao concerto. No estar. No instrumento, no timbre. Não tem o que refletir, pois tudo é visto ali, diante de todos. Não há culpa, não há ressentimento. Diante do que é a vida, recusa da postura ingenuamente otimista. Felicidade individual e social satisfeita e conformada? Muito mais pensamento trágico. Que venha a vida, sem subtração nem acréscimo. Amar o devir. Amar a vida. Amar o instante.

O amor está no fundo dos corpos, mas também sobre essa superfície incorporal que o faz advir. De modo que, agentes ou pacientes, quando agimos ou sofremos, resta-nos, sempre, sermos dignos do que nos acontece. É essa, sem dúvida, a moral estoica: não ser inferior ao acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos. A ferida é algo que recebo em meu corpo, em tal lugar, em tal momento, mas há também uma verdade eterna da ferida como acontecimento impassível, incorporal. (...) Amor fati, querer o acontecimento, nunca foi se resignar, menos ainda bancar o palhaço ou o histrião, mas extrair de nossas ações e paixões essa fulguração de superfície, contra-efetuar o acontecimento, acompanhar esse efeito sem corpo, essa parte que vai além da realização, a parte imaculada. Um amor da vida que pode dizer sim à morte. (DELEUZE; PARNET, 2004, p.53)

Procuro encontrar algum caminho que me leve a perceber essas histórias nas suas singularidades. Porque são passagens do cotidiano de uma simplicidade e de uma intensidade que procura a beleza em nós. A natureza nos encanta só da chuva cair nas folhas secas e paralisar por instantes infinitos até encantar, até ensurdecer. Escutar sons de pingos nas folhas sem parar, sem dar trégua. Encanto ensurdecido. Vidas que sai dos trilhos percorrendo os mesmos caminhos. Arte de estar na vida. De compor a vida. De compor com a vida. “O artista necessita da infidelidade da memória para não copiar a natureza, e assim transformá-la.” (NIETZSCHE, 2007, p.136)

Movimento, afectos nos aninha ao ouvir histórias matutas dos sertões, das Veredas, dos magros cachorros, simples, tosco, singelo, resistente. Porque a vida é potência. É deixar sem fala, sem ação. Procurar abrigo, e quando não tem mais o que falar, o corpo encontra um pensamento. São essas histórias, as mesmas,

repetidamente outras, simples, tantas. Tocar a carne, o suor. O corpo. O sofrimento como inerente à vida. Inventar é devir. Estar por vir. O que não é. Sair da história e fazer acontecimento.

Posso narrar aqui várias passagens dessas mulheres tão cotidianas que fogem às linhas que estão traçadas. E mesmo assim vão nos entrelaçando e tomando nossa atenção. Como criança que fica esperando que a mãe conte incansavelmente a mesma história antes dela dormir. E sendo a mesma, repetidamente desperta a vontade de ouvir. Uma gagueira, que retorna, retorna. Incomoda, restabelece. Acalanta e faz dormir e sonhar com o outro dia em que essa mesma história vai encontrar a mesma que a cada dia há de ser outra pra que a vida ande.

O homem sublime ou superior vence os monstros, expõe os enigmas, porém ignora o enigma e o monstro que ele próprio é. Ignora que afirmar não é carregar, atrelar-se, assumir o que é, mas, ao contrário, desatrelar, livrar, descarregar o que vive. Não carregar a vida com o peso dos valores superiores, mesmo heroicos, porém criar valores novos que façam a vida leve ou afirmativa. (DELEUZE, 1996, p.02)

São histórias de abandono, de traição, de cantorias, de morte, de promessas cumpridas e descumpridas, devassadas, desconcertadas. Histórias de luta, de cansaço, esgotamento, exaustão, ainda assim cantante, dançante, pulsante para que o outro dia venha. Histórias prostituídas, arrancadas, malditas, violentadas e reinventadas para continuar ali, de peito aberto, pra fora, pro novo, pro velho, pro sempre. Histórias fortes de tantas mulheres, as mesmas, singularmente as mesmas. Nas feiras, nos mangues, nos carros de boi. Nas festas, às escondidas, nas moitas. Resistindo, resistentes. Pra fora, pra vida, nas subjetividades. No correr do dia, no passar das horas.

Verdes delírios das matas virgens rompendo a aurora. Dos ares trepido de trovões assustadores que encanta os corações corajosos de mulheres pés descalços. Em contato com a terra, molhando o acaso e o acontecimento vazio e estonteante dos verões tropicais e abundantes. Ver nascer o dia dilacerando o olhar

de quem quer o dourado dessa mesma aurora. Poesias. Dela mesma. Natureza. Nós. Natureza. Pele. Histórias. Representação. Natureza. Imanência.

Que se pretende concluir! Talvez, nos debruçamos em blocos e dobras. Que tudo se desdobra em acontecimentos e sentimentos e afectos e perceptos. Seivas e imensidões. Música Flamenca. Giganos em danças voluptuosas. Levantando a saia em frenesi desenfreado. Rodopiando o cabelo. De tanto sentir, de tanto dançar. Em danças que tremem o chão em ritmos acalorados. Sapateado que estremece o sangue. Corpos sensuais. Corpos performáticos que fala. Falas e gritos emocionados no dia a dia. Que se leva ao palco. Que se leva ao grito. Esse mesmo palco que é a vida. Vozes roucas se dando ao extremo, como sendo esse seu último temporário até estremecer. Porque o extremo, o rouco e todas as caras inflamadas se transformam em plenitude daquela arte. Trágica e casual. Cômica e extremada. Pele e seivas. Corporeidade.

Eu concluo que há vida. Eu concluo que há pedaços. Eu concluo que me atravesssei de significados, de significâncias. Eu concluo que arranquei pedaços de mim ao tirar pedaços delas. Eu concluo que me fiz outra sem me refazer porque a vida segue suas marés. Que vem, que vai. Com a brisa. Com o sol forte do verão litorâneo. Tropical. Em suor. Em dismantelo. Em vivacidade de ser na superfície em profundidade. De querer ver a vida pela vida. No acontecer. No se embrenhar em alegrias e choros. E lamas alimentando possibilidades. Micro-alimentos nutrindo gigantes do mar, como as micropolíticas que fica forte. Intensamente singelas e desveladoras.

Eu concluo que vi dores e gargalhadas loucas. Eu concluo que lágrimas rolaram e molharam os sonhos. Eu concluo que há movimento nos espaços e esperas. E se o tempo foi visto em solidões, as potências se fizeram potências e acontecimentos e tramas e sombras e brilhos. Que se mistura no tempo e se desfaz em ritmos que a natureza convoca e assim nos convidamos pra que a vida seja ela mesma o corpo que alimenta.

Blocos contínuos. Dores sujeitas. Peles lambidas e corpo acariciado. Pelo riso, pela dor, pelo tempo. Mesmo o tempo que não houve. Que não há. Porque o tempo é o de hoje. Do agora. Do sempre. Porque tudo é acontecimento que nos

percebe na ressonância dos sinos badalando e criando ondas sonoras que se fazem presentes e ao mesmo tempo não podemos pegar porque som é pura percepção e como tal é puro objeto. Porque o tempo é o beijo. Trocando salivas, seivas em alquimia.

São intensidades aliviando as horas. E o vento enxuga lágrimas vindouras. As histórias flutuam em alegrias. E o corpo mostra sobras de dor alimentando sorrisos possíveis. Me integrar, me perder nessas histórias, os sentimentos dissolvidos em lágrimas. Porque elas são vivas, tem gosto de mar, temperam a vida e os sabores que fortalecem e dão abrigo ao corpo que possibilita a permanência das horas enquanto há movimento. Ai o tempo não se desfaz.

Histórias contadas por si só. Estariam em qualquer boca, em qualquer olho, em qualquer vida. Histórias de qualquer de nós, que viaja em movimento sonoro, em velocidade de pássaro que canta nos telhados de casas arborizadas que ao amanhecer faz levantar da cama os moradores, ainda cedo, em hora de sorrir no seguir dos dias que se atravessam. Sim, são histórias delas e minhas e também suas. Se assim quiseses pegar! Abraçar como o dia que nasce a cada hora desabrochando em nossos ouvidos, soprando música de brincar, música de ninar, de sensualizar. Decodificar.

Foi possível me decompor até chegar aqui e ir seguindo com as trilhas do meu traçado e enlaçar todas as trajetórias que em muitos momentos me tomou. Me tomou a respiração. Me tomou pela mão. Me deu sentido quando muitas vezes não sabia o que fazer com o que ouvia. Não me sobrava pedaços. Me faltava ar. E tudo saiu do lugar sem que nada mudasse. Dizeres absolutos sendo nada. Sendo simples. Como a chuva. Que segue o rio. Que bebe do mar e se derrama. Como a mão se derrama no piano, mecânico, sonoro, potente, desafiador, ilusório e totalmente possível. Na embriagues. Na música, que é permanência.

Me tomou o tempo, me sacou da mão a tempera. Significou olhares dos mesmos. E me fez outra. Os conceitos passeiam em mim tendo me tornado imensamente a mesma. No movimento que leva a folha para outro lugar a se tornar alimento para outras terras e minhocas, e fermentos com cheiro de estrume, que cheira, cheira bom, cheira vida. Fertilidade. Um pé de pau que cuida de outro pé de

pau. E um outro pé de fruta, e um pé de milho, e feijão e mandioca. Tudo ali. Singularizando. Significando. Sendo outro, sendo sempre. Naquela terra, de bichos da terra, que torna outra a terra, incorporada da mesma terra, que era verde, e se tornou podre, terra escura. Viva/morta/vida/outra/sempre.

Segue o curso, segue o rio, viaja no vento, na arte, na fabulação, no riso, no trágico, no canto. No sol, na terra, na lama. No álcool, no esquecimento, no possível e impossível. No recuo. No acato e desacato. Na potência. Pois nada começa nem termina, tudo está aqui, na imanência.

6 Referências

CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. Periferia: Educação, Cultura & Comunicação. UERJ, v.1, n.1. Pg. 91-110. 2009.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

_____. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. **Nietzsche**. São Paulo: Edições 70, 2007.

_____. **A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas**, 1953-1974. São Paulo: Iluminuras, 2008

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Editora Relógio D'água. Tradução José Gabriel Cunha. Lisboa, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Mil platôs 1: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Mil Platôs 3: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Mil platôs 4: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Mil platôs 5: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **O que é a filosofia?** São Paulo: editora 34, 2008.

ESPANCA, Flobela. Poema disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/a/florbela-espanca>. Acessado em: 28/01/2013.

FELDENS, Dinamara Garcia. **Luízas, Rosas , Bias e Joanas**: a trama e o destino. 1. ed. Maceió: EDUFAL, 2014.

EURÍPIDES. **Medéia**; Hipólito; As troianas. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

FELDENS, Dinamara G. **Luizas, Rosas, Bias e Joanas**. Maceió: EDUFAL, 2014.

GALEANO, Eduardo. **As palavras Andantes**. Porto Alegre: Editora L&PM.1994

GISMONTI, Egberto. ONCOTO Entrevista com Egberto Gismonti. [mar. 2014]. Entrevistador: Jorge Mautner. SP, São Paulo. 1 Vídeo (1h 53min 39s). A entrevista na íntegra, encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=45JM7ESfxUA>> Acessado em: 11/07/2014.

KAFKA, Franz. **Um artista da fome - A Construção**. 2ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

LAROSSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo GH**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1964.

_____. **Perto do coração selvagem** . Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1980.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: editora Graal 1999.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. Entrevista concedida em 06/1968. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=h7gue1lYoVk>. Acessado em: 14/01/2013

_____. **Cem anos de Solidão**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **A filosofia na época trágica dos gregos**. São Paulo: editora Escala, 2008.

_____. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Editora Escala, 2008.

_____. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral**. Disponível em: <http://ensaius.files.wordpress.com/2008/03/sobre-a-verdade-e-a-mentira-no-sentido-extramoral.pdf> Acessado em: 03/11/2013

_____. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. São Paulo: Editora Escala, 2011.

_____. **Estética y Teoría de las Artes**. Madrid: Editorial Tecnos Grupo Anaya, S.A, 2007.

_____. **Assim Falou Zaratustra: livro para toda a gente e para ninguém**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

_____. **Genealogia da Moral: uma polemica**. São Paulo: Editora Schwarcz I, 2009.

_____. **Sabedoria Para Depois de Amanhã**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2005.

PASCOAL, Hermeto. A Vida é um Show: Entrevista com Hermeto Pascoal. [mar. 2003]. Entrevistador: Cláudio Lins. SP, São Paulo. 1 Vídeo (53 min 03s). A entrevista na íntegra, encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nwqNZC5sjoY>> Acessado em: 10/03/2014.

POLAYNE, Patrícia. **Sapato Novo**, in O Circo Singular. Gravadora independente. 2009.CD.

SILVA, José Laerton S.; FELDENS, Dinamara G; DÓRIA, Mary Barreto. **Escritos Outro, Poemas Intermináveis: Vida, Pesquisa e Educação**. In: VII Colóqui

Internacional de Filosofia da Educação, 2014, Rio de Janeiro. Anais do VII Colóquio Internacional de Filosofia da Educação. Rio de Janeiro: 2014, UERJ. Disponível em:<<http://www.filoeduc.org/viicife/adm/impressos/trabalhos/TR578.pdf>>. Acessado em: 23/outubro/2014.

SÓ dez por cento é mentira. Direção: Pedro Cezar. MS, Campo Grande: Artesanato Eletrônico, 2010. 1 DVD (76 min).